

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA**

A INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM DOS *CHATS* EM BILHETES TROCADOS POR ALUNAS EM SALA DE AULA

Cassia Panizza Batista

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade

Ao meu esposo Ericson
À minha filha Júlia
Aos meus pais Edson e Tania

AGRADECIMENTOS

A Deus.

A minha orientadora, professora Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade, pela amizade e atenção durante o processo de orientação deste trabalho.

Ao professor Dr. Waldemar Ferreira Netto e a professora Dra. Mercedes Fátima da Canha Crescitelli pelas contribuições teóricas na banca de qualificação.

Ao meu companheiro de todas as horas, Ericson, pela paciência e motivação.

A minha mãe e amiga Tania por ser uma avó maravilhosa para minha filha Júlia, ajudando-a em seu desenvolvimento e a compreender minha ausência.

A toda minha família, pelo carinho e incentivo.

A minha amiga Claudia Pacheco, que acompanhou de perto toda essa jornada, dando-me forças para superar cada momento em que precisei superar minhas limitações e pela vibração positiva.

Aos professores e colegas de Curso, pois juntos trilhamos uma etapa importante de nossas vidas.

Muito obrigada.

RESUMO

Este trabalho examina alguns aspectos que caracterizam o gênero *chat* como um gênero híbrido que mescla propriedades das modalidades falada e escrita e investiga a hipótese de que a linguagem usada nos bate-papos virtuais está sendo transportada para outros contextos. Nossa pesquisa apóia-se nas teorias que tratam da relação oralidade/escrita, bem como em alguns pressupostos da Análise da Conversação, Lingüística Textual e da Gramática Funcional. A perspectiva teórica aqui adotada considera que os gêneros textuais distribuem-se num *continuum* tipológico para os dois modos enunciativos da língua e rejeita as oposições dicotômicas entre eles.

O *corpus* é bastante inusitado. É composto por bilhetes escritos por alunas a fim de se comunicarem durante as aulas. Para investigar suas possíveis semelhanças com as interações que são encontradas nos *chats*, procedemos a um levantamento de algumas estratégias lingüísticas e discursivas envolvidas nos bilhetes, realizando, em alguns momentos, um estudo comparativo entre eles e a linguagem dos *chats*

A análise revela que o tamanho dos turnos, as escolhas lexicais, a pontuação, o emprego de abreviaturas, além da utilização de marcas gráficas, como os *emoticons*, fazem com que a linguagem usada nos bilhetes se assemelhem a dos bate-papos virtuais. Constata também que, embora os dois gêneros analisados apresentem muitas marcas de oralidade, lançam mão de recursos característicos da escrita. Trata-se, portanto, de textos híbridos com identidades próprias.

Verificou-se ainda, por meio da análise de questionários respondidos por alunos a respeito do uso do computador, que os adolescentes admitem que a linguagem usada nos bate-papos virtuais às vezes ultrapassam os limites do computador e é transferida para outros contextos.

Palavras-chave: *bate-papo na Internet; relação fala/escrita; gêneros textuais emergentes; bilhetes; influência da linguagem dos bate-papos na Internet.*

ABSTRACT

This work investigates some aspects that characterize the genre *chat* as a hybrid genre that mix characteristics of spoken and written practices and investigates the hypotheses that the language used in the chats has been transferred to other contexts. Our research relies on theories that deal with spoken/written relation, and also resort to some presuppositions of Conversational Analysis, Linguistic Textual and Functional Grammar. The theoretical perspective adopted in this work considers that the textual genres are distributed in a typological continuum for the two enunciative moods of language and refuses the dichotomous oppositions between them.

The *corpus* is very unusual. It contains messages that were written by students in order to communicate during the classes. To investigate the possible similarities with the interactions that are found in the chats, we procedure in an investigation of some linguistic and discursive strategies involving in the messages, fulfilling in some moments, a comparative study among them and the language used in the chats.

The analysis shows that the length of the turns, the lexical choices, the punctuation, the abbreviations, besides the use of some graphic marks, such as the emoticons, make the language used in the messages similar to the one used in the chats. It is also verified that, though both genres studied here have lots of spoken marks, they resort to means that pertain to written. Thus, it is a question of hybrid texts with proper identities.

Furthermore, we verified, through the analysis of questionnaires answered by students about the use of the computer, that the teenagers agree that the language used in the chats sometimes passes the limits of the computer and is transferred to others contexts.

Keywords: chat genre on the Web; spoken/written relation; emergent textual genres; messages, influence of the language of chats.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. FALA E ESCRITA NA PERSPECTIVA DE UM <i>CONTINUUM</i> TIPOLOGICO	13
1.1. Fala <i>versus</i> escrita	14
1.2. As dicotomias em alguns gêneros textuais	16
1.3. O <i>continuum</i> tipológico	23
2. A LINGUAGEM DA INTERNET	27
2.1. Gêneros Textuais	27
2.2.1 Ambientes virtuais que abrigam gêneros emergentes	29
2.2. Por que as pessoas usam o <i>chat</i> ?	38
2.3. Falar sem voz	40
2.4. Recursos expressivos na Rede	42
3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	51
3.1. Um breve estudo sobre o computador no cotidiano da nova geração	51
3.2. Aproximações do gênero <i>chat</i> com os bilhetes que constituem o <i>corpus</i> ...	58
3.2.1. Definição dos bilhetes	58
3.2.2. Justificativa pela opção <i>chat</i>	60
3.2.3 A organização textual dos bilhetes e alguns aspectos semelhantes aos <i>chats</i>	62
3.2.4. O envolvimento e a colaboração das participantes na construção dos diálogos	75
3.2.5. Estratégias de verbalização	78

3.3. O contínuo fala-escrita, o gênero <i>chat</i> e os bilhetes	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102
ANEXO: textos constituintes do <i>corpus</i> (digitados)	109

INTRODUÇÃO

Por muito tempo a lingüística preocupou-se com a descrição de estruturas artificiais e abstratas e com a análise da relação das unidades constituintes da língua entre si. Atualmente, no entanto, os estudos lingüísticos estudam a língua levando em consideração seu contexto social de uso e produção, dedicando-se a aspectos funcionais, interacionais, sócio-históricos e discursivos. Os lingüistas, portanto, saem dos limites da palavra, da frase e do texto enquanto produto e passam a enfocar os gêneros textuais.

Essa perspectiva está de acordo com a abordagem de gênero difundida por Bakhtin (1997 [1979 o original]), cujo estudo lingüístico do gênero contempla a língua não como um sistema estável, mas como um lugar de interação. O autor considera gênero como o produto dos vários usos lingüísticos dentro do amplo espectro das atividades sociais. Seguindo a mesma perspectiva, Marcuschi (2002: 19) afirma que “os gêneros surgem emparelhados as necessidades e atividades socio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas”.

Creemos não haver dúvidas de que estamos vivendo um novo momento de profundas mudanças. Hoje, com “o computador pessoal e sua aplicação mais notável, a Internet, presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita” (Marcuschi, 2002: 19).¹ Nesse contexto, podemos afirmar, portanto, que a linguagem, principal veículo de condução da realidade virtual, recebe, sem dúvida, as marcas de uma sociedade em mudança e novos gêneros como *e-mails*, *chats*, aulas virtuais, etc, surgem no contexto da tecnologia digital.

Segundo Marcuschi (2002), esses gêneros emergentes não significam formas absolutamente novas, mas sim formas inovadoras. O fato já fora notado por Bakhtin (1997 [1979 o original]) que explicava a ‘transmutação’ dos gêneros e a assimilação de um gênero por outro instaurando novos. Veja-se o caso do *e-mail* que gera mensagens eletrônicas e que têm nas cartas (pessoais, comerciais etc.) e nos bilhetes os seus antecessores.

Entretanto, os *e-mails* são gêneros novos com identidades próprias. O mais notável é que esses gêneros emergentes possibilitam a observação de alguns aspectos diferentes da língua em uso, evidenciando a falta de fronteiras entre oralidade e escrita. De acordo com Marcuschi (2002: 21),

esses gêneros que emergiram no último século no contexto das mais diversas mídias criam formas comunicativas próprias com um certo hibridismo que desafia as relações entre oralidade e escrita e inviabiliza de forma definitiva a velha visão dicotômica ainda presente em muitos manuais de ensino de língua.

Acreditamos que os novos suportes comunicativos: o computador e a Internet, proporcionam inúmeras possibilidades de inovação e instauram uma nova perspectiva de uso da escrita. Nas palavras de Marcuschi (2001: 18) a respeito dos *chats*, objeto de interesse de nosso estudo, “escrever pelo computador no contexto da produção discursiva dos bate-papos síncronos (*on-line*) é uma nova forma de nos relacionarmos com a escrita”.

A partir dessa reflexão, algumas questões surgem: i) como os jovens se relacionam com essa nova forma de comunicação?; ii) qual a relação da linguagem utilizada nos *chats* com as modalidades oral e escrita?; iii) essa linguagem se limita aos momentos em que os alunos estão nos *chats* ou é transportada para algum outro contexto?; iv) estariam acontecendo mudanças de comportamento em relação à língua escrita, devido à influência da linguagem usada nos *chats*?; v) é necessária a preocupação por parte de pais em relação a uma “prejudicial” interação dos filhos com o computador?

Diante dessas questões e da leitura acidental de alguns bilhetes com uma escrita peculiar, trocados por alunas em uma sala de aula do 2º ano do ensino médio, impulsionou-nos a vontade de investigar se há influência da linguagem dos *chats* nesses bilhetes.

Creemos que este estudo se justifica na medida em que possui como *corpus* um gênero com particularidades inusitadas, mesclando oralidade e escrita e apresentando características que parecem ser similares às dos *chats*.

Tendo em vista que a escrita é a base não só do nosso *corpus*, como dos bate-papos virtuais e de todos os gêneros ligados à Internet, a análise comparativa dos bilhetes com a do gênero *chat* possibilita repensar a relação oralidade/escrita e também observar o surgimento de uma nova relação com os processos de escrita.

Além disso, sabemos que a participação dos adolescentes em *chats* tornou-se uma prática corriqueira. Muitos deles passam horas em frente a um computador se comunicando. Segundo Crystal (2001), não só os *chats*, mas todos os gêneros que emergem no ambiente virtual exercem um enorme fascínio e concorrem com o som e o papel nas atividades comunicativas. Para mostrar o impacto da mídia virtual na vida contemporânea, o autor cita algumas das expressões criadas a partir do prefixo “e”: *e-mail* (correio eletrônico), *e-book* (livro eletrônico), *e-therapy* (terapia virtual), *e-business* (negócios virtuais), etc.

Sendo assim, acreditamos que seja pertinente um estudo dessas novas formas de comunicação, em especial dos bate-papos, na tentativa de se compreender melhor um gênero extremamente interativo que incorpora múltiplas formas de expressão, tais como texto, som e imagem. Nossa hipótese central é de que essa nova forma de textualização parece ser um gênero híbrido, que mescla características das modalidades orais e escritas e que algumas de suas propriedades talvez estejam sendo transportadas para outros contextos, fora do suporte do computador e da Internet.

Para investigar as hipóteses levantadas, procedemos, em vários momentos, a um estudo comparativo entre as características que marcam a linguagem dos *chats* e os diálogos que constituem os bilhetes.

Os objetivos que nortearam nossa pesquisa foram:

- verificar a influência da linguagem dos *chats* em bilhetes escritos por alunos do ensino médio.

- discutir a noção de gênero textual.
- descrever as características lingüísticas dos diálogos das salas de bate-papo da Internet.
- verificar a posição em que se encontra a linguagem dos *chats* e dos bilhetes no *continuum* língua falada e escrita.

O resultado desta investigação será apresentado, nesta Dissertação, em três capítulos. No primeiro deles, ocupamo-nos da relação oralidade/escrita, mostrando alguns dos pressupostos em que se baseiam os estudos que consideram as duas modalidades como dicotômicas e defendendo a idéia do *continuum* tipológico, em que se distribuem os diversos gêneros textuais.

No segundo capítulo, discutimos a noção de gêneros textuais e apresentamos alguns gêneros emergentes ligados à Internet, em especial explicitamos algumas características que particularizam o gênero *chat*.

No terceiro capítulo, verificamos se as características do gênero *chat* estão, de alguma forma, influenciando a escrita de alunos. Para isso, primeiro, apresentamos o resultado de um breve estudo sobre o computador no cotidiano dos adolescentes, feito por meio de uma análise de questionários respondidos por alunos sobre o uso do computador. Depois levantamos algumas características lingüísticas e discursivas dos bilhetes. E finalmente, apontamos a posição em que se encontram os bilhetes e o gênero *chat* no *continuum* tipológico dos gêneros textuais.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais, retomando as questões que moveram esta pesquisa, a fim de verificarmos se nossos objetivos foram alcançados.

O *corpus* desta pesquisa constitui-se por quatorze bilhetes (identificados por B1, B2, e assim por diante). Eles foram escritos por sete alunas de dezesseis anos em uma sala de aula do segundo ano do ensino médio de uma escola particular da cidade de São Paulo.

O primeiro bilhete foi encontrado, em sala de aula, ocasionalmente pela pesquisadora e foi a partir de sua leitura que surgiu o interesse em estudá-lo e verificar a que modalidade lingüística mais se aproxima, uma vez que já à primeira vista saltam aos olhos usos atípicos da língua escrita padrão.

Interessada em saber mais a respeito desse bilhete, a pesquisadora procurou as duas alunas que o escreveram. Elas contaram que mantêm o hábito de trocar bilhetes durante as aulas de maneira discreta para não serem notadas pelos professores e assim poderem se comunicar, saciando o desejo que têm de uma conversa face a face que não é permitida durante as aulas.

Sabendo sobre o interesse da pesquisa, as alunas forneceram 38 bilhetes já escritos e guardados por elas e outros colegas. Depois da leitura dos bilhetes, visto que todos apresentam as mesmas características, foram selecionados quatorze deles pelo critério de datas. Os bilhetes da pesquisa foram escritos nos meses de abril e maio de 2002.

Também fazem parte do material de pesquisa questionários respondidos pelos alunos sobre o uso do computador. Este questionário tem a finalidade de saber um pouco sobre os hábitos dos alunos em relação à Internet e à escrita em geral.

1. FALA E ESCRITA NA PERSPECTIVA DE UM *CONTINUUM* TIPOLÓGICO

A língua falada existe muito antes da escrita. Como observa Sampson (1996: 10), “algumas comunidades humanas ainda não possuem um sistema de escrita, embora todas possuam uma língua falada”. A fala é um gesto natural, toda criança em uma comunidade com cultura escrita aprende a falar e a entender a língua falada antes de aprender a ler e escrever. Há pessoas que nunca foram alfabetizadas, apesar de todas dominarem a fala, com exceção das que apresentam incapacidades fisiológicas especiais. A escrita, no entanto, é adquirida em circunstâncias diferentes, geralmente em um ambiente formal e institucionalizado como é o caso da escola.

A escrita foi, por muito tempo, tratada como algo superior, autônomo, com valores intrínsecos, tornando-se fonte de preconceitos. Seu papel sempre esteve voltado para a atividade intelectual e a vida das sociedades complexas. Breasted¹ acreditava que a invenção da escrita “teve maior influência na elevação da raça humana que qualquer outra realização intelectual (...) ela foi mais importante que todas as batalhas já travadas e todas as constituições já legadas”.

A respeito da presença da escrita, Marcuschi (2001) comenta que há quem equipare a alfabetização (domínio ativo da escrita e da leitura) com desenvolvimento. Entretanto, para o autor a tese pode ser um equívoco. Refletindo sobre as observações de Graff (1995) a respeito do uso da escrita e da alfabetização, Marcuschi conclui que a história da alfabetização no Ocidente é uma história de contradições. Graff faz uma breve análise sobre as relações entre a alfabetização e os processos de industrialização e conclui que essa relação não foi constante, e nem se deu numa ordem de concomitância. Para provar isso, o autor aponta para o fato de que a primeira revolução industrial na Inglaterra mostrou

¹ BREASTED, J.H. 1926. *The conquest of civilization*. London, Harper and Brothers, p. 53; apud Sampson, 1996:11

índices regressivos de alfabetização e lembra o caso da Suécia, plenamente alfabetizada já no século XVIII e economicamente marginalizada.

Segundo Sampson (1996: 8), por muito tempo, antes do século XX – e mais ainda, antes do século XIX – os estudiosos que acreditaram na supremacia da escrita se ocuparam em abordar as questões relativas à língua com “um espírito avaliador, preocupando-se com a identificação do “bom”, do uso aprovado, e com a erradicação do que era visto como erros lingüísticos populares”. Entretanto, a partir do século XX os lingüistas começaram a dar ênfase à língua falada como uma reação contra a antiga tradição de se estudar apenas a escrita.

A respeito do estudo da língua falada, Marcuschi (2001: 24) afirma que, apesar da imensa propagação da escrita e das profecias de seu absoluto predomínio, “a fala continua na ordem do dia. (...) a oralidade continua na moda. Parece que hoje redescobrimos que somos seres eminentemente orais, mesmo em culturas tidas como amplamente alfabetizadas”.

Acreditamos que tanto a fala quanto a escrita são atividades comunicativas que cumprem papéis importantes na sociedade, e por isso discutir qual é a modalidade superior não faz sentido. O fundamental é estudá-las tendo em vista seus contextos de uso.

A seguir, entretanto, veremos como a fala e a escrita são caracterizadas por aqueles que as tomam fora de seus contextos de uso.

1.1. Fala *versus* escrita

Até há bem pouco tempo os estudos que se ocupavam das relações entre fala e escrita, as duas modalidades de uso da língua, baseados na perspectiva das dicotomias, difundiam a idéia de que fala e escrita constituíam sistemas lingüísticos distintos. Voltada para o código e centrada na imanência do fato lingüístico, esta perspectiva, na sua forma mais rigorosa, deu origem a uma única norma lingüística tida como padrão: a conhecida

norma culta que aponta as duas modalidades enunciativas como dicotômicas e opostas. Segundo Marcuschi (2001), os estudos de Olson (1997), Goody (1988), Ochs (1979) e Ong (1998) são representativos dessa tendência.

Em sua incursão pelos estudos pautados pela dicotomia estrita, Biber (1988) observa que todos eles caracterizam a fala como contextualizada, implícita, imprecisa, planejada localmente, fragmentada, incompleta, pouco elaborada, com pouca densidade informacional, predominância de frases curtas e a escrita como descontextualizada, explícita, precisa, planejada de antemão, não fragmentada, completa, elaborada, com maior densidade informacional.

A modalidade escrita ainda traz a idéia de estabilidade e utilização da norma padrão da língua, enquanto a modalidade oral, ao desenvolver-se linearmente no tempo, desaparece quase sempre sem nenhum registro. A fala também sugere infrações da norma padrão na perspectiva das dicotomias, porque é considerada fora de seu contexto de uso. Como já expusemos anteriormente, essa é uma perspectiva voltada para o código lingüístico.

Marcuschi sintetiza as tradicionais distinções entre fala e escrita da seguinte forma:

Figura 1. Dicotomias estritas

Fala	<i>versus</i>	Escrita
contextualizada		descontextualizada
dependente		autônoma
implícita		explícita
redundante		condensada
não-planejada		planejada
imprecisa		precisa
não-normatizada		normatizada
fragmentária		completa

Fonte: Marcuschi (2001: 27)

Marcuschi (2001) e Biber (1988) afirmam que todas as distinções rígidas entre a fala e a escrita aqui apontadas foram postuladas tendo em vista apenas textos prototípicos das duas modalidades, ou seja, a conversação espontânea e o artigo científico, por exemplo.

De acordo com Marcuschi (2001: 28), as dicotomias “são sobretudo fruto de uma observação fundada na natureza das condições empíricas de uso da língua (...), e não de características dos textos produzidos. Não há preocupação alguma com os usos discursivos nem com a produção textual”.

Concordamos com o autor quando afirma que só é possível investigar as semelhanças e diferenças na oralidade e escrita, se ambas estiverem inseridas em seu contexto de uso.

1.2. As dicotomias em alguns gêneros textuais

Após estudar as dicotomias, Biber (1988: 36) analisa 23 gêneros e conclui seu estudo afirmando que “não foi identificada nenhuma distinção absoluta entre fala e escrita”.

Para o autor, entre fala e escrita há muito mais semelhanças do que diferenças e elas resultam dos diversos tipos de textos e não das modalidades em si. Uma exposição acadêmica e um artigo científico, por exemplo, embora sejam diferentes do ponto de vista do meio físico de realização textual – a primeira é de manifestação fônica e o segundo de manifestação gráfica – apresentam muitas semelhanças. Já uma conversação face a face e uma conferência são gêneros que se realizam oralmente, porém muito diferentes, assim como alguns gêneros de realização gráfica, como uma carta pessoal e um relatório técnico.

Para ilustrar o fato de que as dicotomias não dão conta de diferenciar todos os gêneros que se realizam oralmente dos que se realizam através da escrita, citamos brevemente a questão das comunicações escritas ditas “síncronas” pela Internet, produzidas

nas salas de bate-papos. É o tipo de comunicação com características próprias da oralidade e da escrita. Assim, algumas propriedades atribuídas, com exclusividade à fala, tal como a simultaneidade temporal, já são tecnologicamente possíveis na comunicação escrita à distância. Além desta característica atribuída a fala, outras podem ser reconhecidas nas comunicações dos *chats*, por exemplo, o texto costuma ser planejado localmente, fragmentário, com curtas contribuições e estruturas que não seguem as normas da língua padrão, etc.²

Lembremos novamente algumas propriedades atribuídas com exclusividade à fala e à escrita, a fim de discutirmos como elas se apresentam em alguns diferentes gêneros textuais.

Começamos por um dos pressupostos defendidos pelos estudos orientados pela perspectiva da dicotomia: a questão do **envolvimento** entre os interlocutores na fala e o **distanciamento** na escrita.

Na fala, os participantes estão envolvidos não só com o assunto, mas também entre eles mesmos (Chafe, 1985). Alguns recursos paralingüísticos como gestos e expressões faciais podem determinar o envolvimento na fala. Além disso, a fala é um produto cooperativo. Os falantes se dirigem aos seus interlocutores usando pronomes de segunda pessoa, imperativos, fazendo perguntas (Biber, 1988). Falantes e ouvintes, portanto, se alternam em forma de pergunta/resposta e afirmação/resposta. Em contrapartida, na escrita há um **distanciamento**, pelo fato de o escritor não interagir diretamente com o leitor. A escrita é tida como um ato solitário, produto do exercício individual, onde o escritor estabelece o rumo que irá tomar e não há dependência, em tese, de outros participantes para construir o texto.

² Trataremos mais especificamente das características da linguagem dos *chats* no segundo capítulo e na análise.

Entretanto, hoje, alguns estudos têm demonstrado que essas características, envolvimento para a fala e distanciamento para a escrita, já não se sustentam para todos os gêneros letrados/escritos que circulam em nossa sociedade. As cartas pessoais lidas e respondidas em família ou por amigos, caracterizam-se por apresentarem um alto grau de envolvimento. O mesmo acontece com a conversação que se dá nos *chats* na Internet, por exemplo, onde, além do envolvimento, há também a colaboração dos interlocutores na construção do texto, já que a comunicação acontece sincronicamente. Notamos que em ambos os exemplos, os interlocutores fazem uso do pronome de segunda pessoa, assim como perguntas e imperativos. Quanto aos recursos paralingüísticos que as pessoas utilizam na fala para obter o envolvimento, lembramos que a escrita possui recursos próprios como tamanho, tipo e cor de letra, elementos pictóricos e recursos iconográficos utilizados como uma tentativa de substituir os gestos, a mímica e a prosódia presentes na fala. A conversação na Internet é também um exemplo representativo disso. Por outro lado, no caso de uma conferência, por exemplo, apesar de se dar oralmente, ela não apresenta o envolvimento que encontramos em uma conversação face a face, já que o discurso se configura de maneira assimétrica.

Decorrente do pressuposto discutido acima, temos outro que seria a **descontração** na fala e a **formalidade** na escrita. Essas características, segundo Barros (2000: 69), significam uma conseqüência “das funções históricas e sociais da fala e da escrita”. Concordamos com a autora quando reconhecemos certos usos aceitos na fala coloquial popular, mas recusados socialmente na escrita por serem considerados insuficientes e usos aceitos na escrita, mas considerados excessivos na fala, como a linguagem erudita e/ou literária.

Barros (2000: 70) expõe os resultados de sua pesquisa sobre imagens da norma e da língua em gramáticas e dicionários, concluindo que essas imagens “levam a diferentes escolhas de vocabulário e de estruturas sintáticas nas duas modalidades. A partir daí, são muito comuns problemas de hipercorreção, freqüentes, por exemplo, em redações de vestibular ou em outros textos preocupados com a sanção social (...)”. Com isso, fica confirmada a idéia do uso mais formal e erudito da escrita, embora saibamos que esse uso

vai depender do gênero que se pretende escrever. De uma carta para amigos, por exemplo, espera-se o uso de uma linguagem informal.

Apontamos, portanto, que é característica da fala coloquial a espontaneidade e a simplicidade. Porém, sabemos também que essas características não servem para todos os gêneros orais, por exemplo, para os noticiários de TV, que, embora falados, são textos lidos; portanto, igualmente escritos com usos formais relativamente cultos. Além destes, as propagandas políticas, os debates políticos e os discursos em tribunal de júri também representam exemplos de gêneros orais formais. Por outro lado, percebemos na escrita a incorporação de usos aceitos na fala informal, definindo uma escrita mais coloquial, como no caso das cartas pessoais para amigos e familiares, os bilhetes, o bate-papo na Internet, etc.

Assim, concluímos que a língua falada e a língua escrita podem compreender diversos graus de formalidade / informalidade, decorrentes das características dos fatores situacionais de comunicação: falante, ouvinte, assunto, contexto, etc.

Outro pressuposto defendido pela visão dicotômica é a questão do **planejamento** na escrita e do **não planejamento** ou planejamento local na fala. Pensando em textos prototípicos da modalidade falada e escrita, podemos afirmar que o texto escrito é planejado tanto do ponto de vista temático quanto lingüístico-discursivo, não apresenta marcas de formulação e de reformulação e suas unidades são mais longas. Quanto à fala, Rodrigues (1993: 20), com base nas idéias de Ochs (1979), afirma que ela é planejada localmente, isto é, constitui uma atividade administrada passo a passo, já que “o texto é resultado de um trabalho cooperativo dos dois interlocutores, que o vão compondo à medida que a conversa se realiza”. O locutor pode fazer concessões, dependendo da reação do ouvinte, e reprogramar a sua fala.

Além disso, a fala exige certa pressão na produção. As mensagens faladas quando são passadas estão sujeitas a sofrer alterações ou distorções mais facilmente, dado o fato de que são produzidas sob o limite de tempo imposto pela pressão comunicativa. Já na escrita,

em geral, acredita-se que não há pressão de tempo e o produto final, ou seja a mensagem passada é fruto da elaboração cuidadosa e planejada. Entretanto, se considerarmos as diversas formas de escrita, percebemos que essa tese não é verdadeira para todas elas. Por exemplo, para quem escreve uma redação em um vestibular ou em aula, há pressão de tempo, o mesmo acontece com um jornalista quando precisa incluir notícias urgentes em jornais ou revistas, etc.

Outro julgamento a respeito da escrita é que ela não apresenta as marcas de produção, como as correções e hesitações que acontecem na fala. No entanto, se tomarmos alguns gêneros distintos para fazermos uma breve análise, como: a conversação espontânea, o artigo científico, a notícia de TV e interações realizadas nos *chats*, temos que os dois primeiros são prototípicos, portanto o primeiro representa um texto não planejado, com marcas de produção e o segundo um texto planejado sem marcas de produção. No entanto, a característica do não planejamento não pode ser atribuída a notícia de TV. Embora este gênero se realize oralmente, trata-se de um texto escrito lido, portanto, planejado. Já as interações dos *chats*, embora se realizem por meio gráfico, são construídas passo a passo pelos interlocutores e sincronicamente, portanto apresentam um planejamento local e há uma certa pressão na produção.

Para complementar o estudo das dicotomias e sua aplicação a diferentes gêneros que representam a modalidade falada e a escrita, mostramos a seguir um quadro elaborado por Biber (1988), que analisa a relação de quatro gêneros textuais e as características atribuídas à fala e à escrita:

Figura 2. Características de oralidade e letramento em quatro gêneros distintos

	OC	AL	PL	AP	
1. Multicanal	+	+	-	-	Canal único
2a. Aquisição em casa	+	-	I	-	Aquisição escolar
2b. Baixo valor social	+	-	I	-	Alto valor social
3a. Alto grau de interação	+	I	I	-	Baixa grau de interação
3b. Conhecimento pessoal partilhado	+	-	+	-	Baixo conhecimento partilhado
3c. Negociação do objetivo	+	I	I	-	Objetivos não negociáveis
3d. Manutenção da relação	+	I	+	-	Não necessária a manutenção
4. Mesmo espaço e tempo	+	+	I	-	Espaço e tempo diferentes
5a. Baixa interação com o texto	+	+	-	-	Alta interação com o texto
6. Baixa densidade Informacional	+	-	+	-	Alta densidade informacional

Falado	Escrito
<div style="display: flex; justify-content: center; align-items: center; gap: 20px;"> <div style="border-left: 1px solid black; border-right: 1px solid black; padding: 0 5px;">Oral</div> <div style="border-left: 1px solid black; border-right: 1px solid black; padding: 0 5px;">Letramento</div> </div>	

Fonte: Biber, (1988, 46)

Biber compara quatro gêneros: OC = Conversação face a face (*ordinary conversation*); AL = Conferências (*academic lectures*); PL = Cartas pessoais (*personal letters*); AP = Texto acadêmico (*academic prose*). O sinal “+” representa um valor de oralidade, o sinal “-” marca o valor de letramento e “I” mostra um valor intermediário.

Assim como Biber (1988), Marcuschi (2001) considera que as línguas se fundam em usos e adota a posição de que lidamos com práticas de letramento e oralidade. Os autores citados fazem a distinção entre fala e escrita de um lado, e oralidade e letramento de outro. A primeira distinção concerne às duas modalidades de uso da língua; a segunda identifica duas práticas sociais. Tanto a oralidade quanto o letramento abrangem o uso de textos falados ou escritos numa gradação que vai desde uma conversação ou escrita informal até conversações formais e escrita de textos acadêmicos.

A partir do quadro, notamos que apenas a conversação face a face recebe todas as propriedades atribuídas à língua falada, caracterizando-se, portanto, como um exemplo prototípico desta modalidade de língua. Em contrapartida, ao texto acadêmico são atribuídas todas as características da modalidade escrita. Já a caracterização das conferências e das cartas pessoais é bastante variada. Esses dois gêneros possuem características de oralidade e de letramento.

As conferências se realizam através da fala, mas apresentam características de letramento como a aquisição escolar, alto valor social, baixo conhecimento pessoal compartilhado entre os participantes e alta densidade informacional. Na verdade, de acordo com o quadro, as conferências apresentam mais propriedades de letramento do que de oralidade. Desta, apenas três características são atribuídas as conferências, que são: o multi-canal, ou seja, soma-se à fala, recursos prosódicos e paralingüísticos, além disso os participantes das conferências dividem o mesmo espaço e tempo e também há pouca interação com o texto.

O oposto acontece em relação as cartas pessoais. Apesar de serem escritas, apresentam mais características de oralidade do que de letramento, como: o conhecimento

pessoal partilhado, a manutenção da relação entre os participantes e a densidade de informações. Na verdade, as cartas pessoais apresentam ainda mais características intermediárias, ou seja, relacionadas a ambas as modalidades. Apenas em relação ao canal e à oportunidade de interação com o texto, as cartas pessoais mostram valores de letramento.

Portanto, os quatro gêneros analisados ilustram o fato de que “não há correspondência entre as características da fala / escrita e da oralidade / letramento” (Biber, 1988: 45). Concluindo, para Biber a conversação face a face é um gênero falado com características de oralidade; o artigo científico é um gênero escrito com características de letramento; a conferência representa um gênero falado com algumas características de letramento e finalmente, as cartas pessoais representam um gênero escrito com algumas características de oralidade. Desse modo, podemos afirmar que, tanto a conferência como as cartas pessoais são exemplos de gêneros mistos, que apresentam características intermediárias das duas modalidades de língua.

Feitas todas essas considerações a respeito de algumas propriedades atribuídas à fala e à escrita de acordo com a perspectiva das dicotomias, reiteramos a idéia de que a distinção rígida entre língua falada e língua escrita é considerada insuficiente para sua caracterização. Não se pode tratar as relações entre fala e escrita de maneira estanque e rígida. A proposta é a de que se vejam essas relações dentro de um quadro mais amplo no contexto das práticas sociais e dos gêneros textuais.

Devemos considerar ainda que os gêneros textuais, desde os mais formais aos mais informais, distribuem-se num *continuum* e são determinados pela correlação entre as modalidades (Marcuschi, 2001).

1.3. O *Continuum* Tipológico

A idéia do *continuum* tipológico, já postulada por Biber (1988) e também defendida por Marcuschi (2001), determina que fala e escrita devam ser concebidas como

modalidades da língua em uma escala contínua, já que não é possível caracterizá-las de modo homogêneo e pontual. Bilhetes, cartas pessoais, interações nos *chats* e outros tipos de comunicação onde predominem a informalidade e informações contextualizadas estão mais próximos do pólo conversacional. Por outro lado, há textos falados que se aproximam mais do pólo da escrita como é o caso de conferências, palestras, discursos no tribunal de júri, discursos políticos, etc.

Para se entender a abordagem do *continuum* tipológico é fundamental que a noção do funcionamento da língua esteja ligada as condições de produção e não apenas ao sistema lingüístico. A concepção de língua, para Marcuschi (2001: 43), justifica a abordagem do *continuum* tipológico defendida por ele:

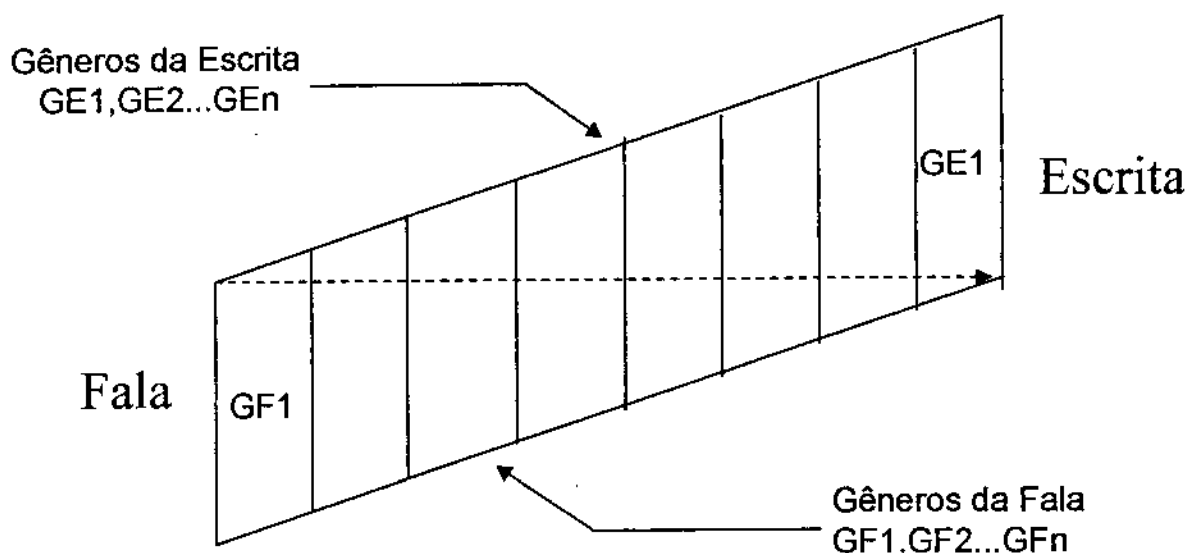
língua pressupõe um fenômeno heterogêneo (com múltiplas formas de manifestação), variável (dinâmico, suscetível a mudanças), histórico e social (fruto de práticas sociais e históricas), indeterminado sob o ponto de vista semântico e sintático (submetido à condições de produção) e que se manifesta em situações de uso concretas como texto e discurso.

Vista sob esta perspectiva, a língua se apresenta como fenômeno dinâmico, em que semelhanças e diferenças são analisadas no contexto de uso. O mesmo acontece no que diz respeito à fala e à escrita. “Em ambos os casos temos a contextualização como necessária para a produção e a recepção, ou seja, para o funcionamento pleno da língua.” (p.43). Com base nesta concepção, uma série de diferenças geralmente feitas entre fala e escrita são eliminadas. A escrita pode, portanto, significar informalidade, enquanto a fala pode ser formal; a escrita pode ser não planejada, enquanto a fala pode ser planejada; na escrita pode haver envolvimento, enquanto na fala pode haver distanciamento. Tudo depende do meio em que o processo comunicativo se desenvolve.

Dessa forma, a idéia do *continuum*, além de eliminar a visão dicotômica entre fala e escrita, destrói certos mitos em relação a ambas as modalidades, como a questão da superioridade de uma modalidade em relação a outra. A tese da superioridade da escrita

fica totalmente descartada quando consideramos as modalidades como práticas sociais e gêneros textuais que se distribuem dentro do *continuum*.

Baseando-se em Koch & Österreicher (1990), Marcuschi (2001: 38) representa o *continuum* dos gêneros textuais por meio de um gráfico cujo plano superior engloba o *continuum* da escrita, e o inferior, o da fala.



Neste gráfico, temos em uma das extremidades da linha horizontal um certo gênero da fala (GF), que determinaria uma espécie de protótipo da modalidade, por exemplo, uma conversa espontânea (GF1) e no extremo oposto (GE1) que seria o protótipo da escrita, por exemplo, textos acadêmicos, artigos científicos. Ao longo dessa linha em posições intermediárias, distribuem-se gêneros de textos que representam uma certa continuidade entre os pontos extremos (GF1, GF2...GFn e GE1, GE2...Gen) e se entrecruzam sob muitos aspectos e, por vezes, constituem domínios mistos. Textos que, embora sejam escritos, aproximam-se da língua falada (bilhetes, cartas familiares) e textos falados, oralizados bastante próximos da escrita formal (conferências).

Hilgert (2000: 21) também examina a complexa relação existente entre fala e escrita a partir do *continuum* tipológico de gêneros de textos e chega a algumas conclusões, das quais destacamos:

A) cada tipo de texto não se define isoladamente em seu plano horizontal, mas sim na correlação vertical dos dois planos, permitindo-nos dizer que, à extrema esquerda, localizam-se textos conceptualmente falados, mesmo que sejam medialmente escritos (os bilhetes) e, à extrema direita, situam-se textos conceptualmente escritos, ainda que medialmente falados (exposições acadêmicas); B) um movimento simultâneo nos dois planos horizontais, em direção ao centro do gráfico, levará à identificação de um tipo de texto, do ponto de vista conceptual, “equilibradamente” marcado pela fala e pela escrita, como é o caso dos textos noticiosos de jornais e revistas (na escrita) e dos noticiários de televisão e rádio (na fala).

Podemos afirmar, então, que os gêneros de textos, dos falados aos escritos e vice-versa, distribuem-se ao longo de um *continuum* tipológico e que apenas como forma de manifestação fônica ou gráfica, a fala e a escrita estão numa relação estritamente dicotômica. E ainda, que as diferenças entre os dois modos de enunciação são determinadas pelas diferentes condições de produção e de uso dos diversos gêneros textuais. A esse respeito, Barros (2000: 76) afirma que:

Língua e fala são definidas por um conjunto de elementos e como, em geral, nem todos estão presentes nos usos lingüísticos, o que se tem de fato são posições intermediárias entre “língua” e “fala”. Os usos lingüísticos que ocupariam os lugares extremos da fala e da escrita “puras” e “sem contágios” e que são definidos como termos contrários são pouco comuns e servem, antes de mais nada, como pontos de partida da caracterização que se pode fazer na diversidade de modalidades de uso que a língua apresenta.

Partindo, então, dessa visão não-dicotômica, trabalharemos no próximo capítulo a linguagem dos *chats*, tratando-a como considera Urbano (2001: 49) “um uso híbrido da linguagem”, que mescla características das duas modalidades, oral e escrita, ocupando, assim, uma posição intermediária no gráfico do *continuum* dos gêneros textuais.

2. A LINGUAGEM DA INTERNET

É importante fazer as devidas distinções entre as comunicações mediadas pelo computador e veiculadas pela Internet. Vários são os gêneros que constituem essa linguagem. A seguir discutiremos a noção de gênero, à luz do que pensam Bakhtin (1997 [1979 o original]) e Marcuschi (2002), depois, faremos uma breve apresentação dos gêneros que emergiram no contexto da tecnologia digital e, finalmente, daremos uma atenção maior ao *chat* como novo gênero textual, objeto de interesse de nossa pesquisa.

2.1. Gêneros Textuais

Se no passado, a noção de gênero pertencia à galeria de obras literárias e ao conseqüente domínio da escrita, atualmente ela passa a fazer parte de atividades lingüísticas marcadamente presentes no cotidiano. Segundo Swales (1990: 33), “gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias”.

Esclarecemos que, embora Bakhtin use o termo “gênero discursivo”, optamos por utilizar “gênero textual”, como faz Marcuschi. Entendemos que os termos podem ser usados como sinônimos, uma vez que Marcuschi afirma que sua posição a respeito dos gêneros segue a defendida por Bakhtin.

A noção mais difundida sobre gêneros textuais, segundo Marcuschi (2002: 19), é a de que são “fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social”. Para o autor, os gêneros “surgem emparelhados às necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas”; portanto, a proliferação de novos gêneros está associada aos avanços tecnológicos e à velocidade na comunicação no mundo contemporâneo.

Essa noção está de acordo com a abordagem de gênero de Bakhtin (1997 [1979 o original]). O autor afirma que os gêneros não se caracterizam como formas estruturais

estáticas e definidas, são tipos “relativamente estáveis” de enunciados elaborados pelas mais diversas esferas da atividade humana. Sempre que falamos, utilizamos gêneros textuais, ou seja, todos os enunciados são constituídos a partir de uma forma padrão de estruturação. Esses enunciados se relacionam diretamente a diferentes situações sociais, sendo que cada situação cria um determinado gênero com características temáticas, composicionais e estilísticas próprias.

Bakhtin (1997 [1979 o original]: 279-281) mostra que as esferas de comunicação são formadas por “um repertório de gêneros” que lhes são próprios e que os gêneros decorrem dos vários usos que se fazem das línguas e da linguagem e reportam-se às formações combinatórias da linguagem em suas dimensões “verbal e extraverbal”. O autor afirma que, dependendo das esferas, os gêneros se dividem em dois grupos: os **gêneros primários** que são próprios das “circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea” e os **gêneros secundários** que veiculam enunciados típicos de “uma comunicação cultural mais complexa e [...] evoluída, principalmente escrita”. Como exemplos dos primeiros, o autor cita “o diálogo cotidiano e a carta”, o que esclarece que a fala não é uma modalidade privilegiada dos gêneros primários, e para ilustrar os últimos, cita, entre outros gêneros, “o romance e o discurso científico”. Portanto, o que justifica o rótulo primário ou secundário, na perspectiva bakhtiniana, não é a modalidade da língua usada, mas a esfera a que se veicula o gênero, haja vista que o discurso científico pode ser tanto um artigo científico, como uma conferência e, apesar desta última se apresentar oralmente, trata-se de um gênero secundário por estar numa esfera complexa de comunicação.

Durante o processo de formação, os gêneros secundários absorvem e transmitem os gêneros primários, que ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes instaurando novos gêneros com um estilo similar ao domínio discursivo que o absorveu, porém com características peculiares. Tal processo é chamado por Bakhtin de “transmutação”. O autor salienta que “todos os gêneros secundários incorporam uma diversidade de gêneros simples” (p.295). Um exemplo dado pelo autor é o caso da transmutação do diálogo cotidiano para a esfera literária. Ao ser absorvido e reinterpretado pelo romance, tal gênero assume um outro estilo, numa esfera mais complexa.

Portanto, na concepção bakhtiniana a divisão entre gêneros primários e secundários prescreve uma visão lingüística dinâmica e diversificada, segundo a qual se considera que “as variedades do gênero do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa” (Bakhtin, 1997 [1979 o original]: 279).

Podemos, então, considerar que as situações comunicativas instauram os gêneros. E, concordamos, portanto, que “os espaços comunicativos gerados pelas tecnologias da comunicação tornam possível o surgimento de novos gêneros que se transmutam a partir de outros já existentes” (Gazeta, 2000: 17).

Crystal (2001) identifica cinco “situações comunicativas”, que ocorrem na Internet: 1) *World Wide Web (WWW)*; 2) *Virtual Worlds*; 3) *Electronic Mail (e-mail)*; 4) a comunicação síncrona e 5) assíncrona (designadas como *Chatgroups*). Já Marcuschi (2004), seguindo Wallace (2001), prefere nomear as “situações comunicativas” como “ambientes” ou “entornos virtuais”. Segundo Wallace, podemos identificar seis ambientes virtuais, a saber: 1) ambiente *Web*; 2) ambiente *MUD (multi-user dungeon)*; 3) ambientes de audio e video (videoconferências); 4) ambiente *e-mail*; 5) foros de discussão assíncronos e 6) ambiente *chat* síncrono. A seguir, faremos uma breve apresentação de cada um deles, dedicando uma atenção particular ao último ambiente, que será objeto de nosso estudo.

2.1.1. Ambientes Virtuais que abrigam gêneros emergentes

Cabe esclarecer que optamos por utilizar o termo *ambientes virtuais* por acreditar que ele transmita melhor a idéia de *espaços comunicativos* que abrigam e, por vezes, condicionam os gêneros. Também convém ressaltar que além da apresentação dos ambientes virtuais como faz Marcuschi (2004), identificaremos ainda alguns gêneros que ali se situam. Vale salientar que as designações dos gêneros que serão aqui apontados não são exaustivas e definitivas. O próprio Marcuschi (2004:27) afirma: “desconheço

levantamentos exatos de quantos gêneros poderiam ser identificados na mídia virtual e ignoro se já há uma designação consagrada para os mesmos”. Para o autor, o vertiginoso avanço da tecnologia que abriga os gêneros pode invalidar com grande rapidez as idéias que expomos sobre eles. Portanto, corremos este risco ao defini-los.

Ambiente Web (*World Wide Web*)

A *World Wide Web* ou, simplesmente, *Web* foi criada em 1991, na Suíça, por Tim Berners-Lee e, originariamente, servia para fazer a conexão entre os computadores de instituições de pesquisa com o propósito de dinamizar e facilitar o acesso. Porém, rapidamente esta rede se propagou e, hoje em dia, documentos podem ser acessados a qualquer momento e de qualquer lugar, através do uso do protocolo HTTP da expressão *Hipertext Transfer Protocol* ou protocolo de transferência de hipertexto, sigla que aparece em todos os endereços da Rede.

A composição do endereço de uma *home page* segue o protocolo próprio da *Web* que é o <http>, geralmente seguido de dois pontos e duas barras, da sigla www, o nome da *home page*, seguida da explicitação da natureza que pode ser: com (comercial); org (organização não lucrativa); mil (militar); net (rede) e gov (governamental). Finalmente a menção ao país como, por exemplo, as abreviações “br” para endereços brasileiros, o “fr” para endereços franceses e etc. Entretanto, esta não é uma regra para todas as localidades, em endereços eletrônicos nos EUA não há sigla indicando o país e no Brasil também há provedores como o <http://www.globo.com>, que não fazem uso da sigla.

As *home pages* abrangem temas e funções das mais variadas, como: enciclopédia, catálogos, listas de páginas amarelas, publicações, jogos, reportagens, propagandas, transações comerciais. Também filmes e outros tipos de entretenimento estão a cada dia mais acessíveis na Rede.

Assim, com essa enorme variedade de temas e propósitos, a *Web* tem-se manifestado como um espaço novo de interação humana, cuja comunicação se dá “de uma maneira infinitamente mais ampliada e mais complexa” (Lévy, 2000: 14), através de muitos serviços e comunidades virtuais que se formam em torno de objetivos comuns.⁴

Ambiente MUD (*Virtual worlds*)

Virtual worlds são ambientes interativos com assuntos totalmente imaginários. As interações acontecem em um ambiente tridimensional semelhante aos cenários de jogos dos *videogames*. Os participantes têm a oportunidade de assumir identidades diferentes, explorar e criar mundos de aventura e fantasia. Esses mundos virtuais são designados por vários nomes, mas o mais comum é o MUD (*‘multi-user dungeon’*), originário do *role-playing adventure game* (jogo de aventura) *‘Dungeons and Dragons’*. Em geral, os *virtual worlds* são classificados como um tipo de chat.⁵

Ambiente e-mail (*Electronic Mail*)

O *e-mail* é conhecido como a transferência de mensagens entre usuários. As mensagens são enviadas para caixa de mensagens particulares (diferente do sistema dos *chats*, que veremos adiante). Inicialmente um serviço (*eletronic mail*), que resultou num gênero que, hoje, é um dos mais praticados na escrita.

Os *e-mails* podem ser familiares, em linguagem coloquial, comercial, propagandística, em linguagem presumidamente padrão, e até científicos, em redação

⁴ Para verificar um estudo sobre a linguagem da Web, sugerimos Crystal (2001).

⁵ Sugerimos o site <http://www.fulano.com.br> para maiores informações sobre este tipo de chat.

científica culta, produzidos e posteriormente remetidos. Uma das vantagens de se utilizar o *e-mail* como forma substituta do envio tradicional de correspondência é o fato da transmissão ser instantânea e da recepção ser assíncrona⁶ ou com a possibilidade de a mensagem ser lida também instantaneamente. Outra vantagem seria a de que dados podem ser facilmente copiados e enviados para vários endereços simultaneamente.

Dependendo do propósito do *e-mail*, pode ser ou não fácil defini-lo lingüisticamente. Acreditamos que um *e-mail* com um conteúdo científico, por exemplo, deva ser muito familiar a um leitor de livros científicos por conter os mesmos elementos estruturais (em termos de título, autoria, resumo, introdução, metodologia, etc.). Entretanto, a dificuldade reside em definir o tipo de linguagem mais apropriada para um *e-mail* com um propósito mais comunicativo, como a troca de mensagens particulares, tendo em vista diferenças culturais, de sexo e idade dos usuários.

A natureza instantânea do *e-mail* encoraja a espontaneidade da linguagem usada nas mensagens. Uma mensagem é normalmente enviada e respondida com grande facilidade e sem muitas considerações cuidadosas. As mensagens são geralmente informais e curtas com algumas pretensões de semelhança com a comunicação verbal. Entretanto, há certas características da conversação face a face difíceis de serem representadas quando se usa o código escrito.

Em geral, em conversações face a face nos orientamos não apenas pelo que está sendo dito, mas também atentamos para quem a mensagem está sendo passada. Sabemos que na escrita isto também ocorre, já que um escritor tem a preocupação de atingir um determinado público alvo. Entretanto, há características típicas da conversação que também fazem parte da interpretação, como a entonação, as pausas, a hesitação e as expressões faciais. Analisando o contexto da conversação, entendemos a escolha das expressões utilizadas. Há inúmeras maneiras de um falante dizer alguma coisa, significando outra,

⁶ O termo assíncrono diz respeito à defasagem temporal entre a produção e a recepção; em contrapartida, o termo síncrono caracteriza-se pela simultaneidade temporal.

através da ironia, do sarcasmo, etc., e geralmente os ouvintes decodificam a intenção da mensagem com sucesso.

Já em *e-mails*, muitos alocutários decodificam a mensagem literalmente, prejudicando, assim, a compreensão do significado real. Usuários experientes na elaboração de *e-mails* costumam utilizar-se de recursos próprios do meio na tentativa de contextualizar a mensagem, incluindo por exemplo os *emoticons*, que são pequenos símbolos construídos através da combinação de vários caracteres do teclado, que representam expressões faciais e exprimem diferentes atitudes. O uso freqüente dos *emoticons* nas mensagens via *e-mail* indicam a intenção do usuário de tentar fazer sua mensagem se assemelhar a uma comunicação oral.⁷

O estilo informal das mensagens pessoais via *e-mail* também é manifestado através do uso de letras minúsculas. Com as letras minúsculas, o processo de digitação se torna mais rápido e fácil, aproximando-se da rapidez do discurso falado. Na verdade, as letras maiúsculas geralmente são usadas para expressar grito ou voz alta. Conseqüentemente, uma mensagem toda escrita com letra maiúscula pode parecer rude. Incluindo palavras com letras maiúsculas, pode-se obter o efeito de ênfase (ela ESQUECEU) que também pode ser manifestado com a palavra entre asteriscos (ela *esqueceu*) ou com letras espaçadas (ela e s q u e c e u). Usuários iniciantes na Internet geralmente cometem “erros” de uso da linguagem, mas com o passar do tempo adotam as convenções estabelecidas na rede.

As regras de conduta para o *e-mail* e outras comunicações mediadas pelo computador são conhecidas como *Netiqueta* e são encontradas na rede com o objetivo de minimizar os erros de iniciantes.⁸

Na lista de regras de etiqueta para a Internet, além do conselho de não se usar letras maiúsculas nas mensagens encontramos também o seguinte:

⁷ Mais adiante apresentaremos os *emoticons* mais freqüentes.

⁸ Para conferir as regras de etiqueta, sugerimos o site www.aiqchic.com.br

- não usar acentuação a não ser que os programas de correio de ambos, remetente e destinatário, possibilitem esse recurso.
- Evitar linhas maiores que 70 caracteres.
- É comum o uso de abreviaturas e símbolos gráficos (*emoticons*).
- Não enviar mensagens de conteúdo publicitário, a menos que seja solicitado.
- Não enviar mensagens muito grandes.

O uso de abreviaturas e acrônimos em mensagens indica mais uma vez uma intenção de acelerar a rapidez de se emitir e ler a mensagem, assemelhando-se assim a dinâmica da língua oral. Entretanto, outras características do discurso via *e-mail* fazem com que ele também se aproxime da escrita, como o aspecto da durabilidade, por exemplo. Além disso, o *e-mail* possui características próprias e inteiramente novas para a comunicação, como a possibilidade de se recortar citações, copiar mensagens e enviá-las para diferentes usuários e obter respostas simultaneamente, isso faz com que o *e-mail* ultrapasse as barreiras da escrita e da oralidade, criando características específicas. Ainda em relação aos aspectos lingüísticos, Jonsson (1997: 5) afirma que o “*e-mail* é uma forma relativamente nova de comunicação e suas convenções ainda estão em formação”. E, sem dúvida, essa forma de comunicação merece um estudo mais aprofundado.

Foros de discussão assíncronos e Ambiente *chat* síncrono

Os foros de discussão assíncronos são ambientes para discussão de temas específicos. As relações são continuadas e movidas por interesses comuns. Em uma situação assíncrona, as interações são armazenadas e estão disponíveis aos usuários para serem lidas e enriquecidas a qualquer momento. Exemplos desse tipo de comunicação são: o BBS, *Boletim Board System*, os *newsgroups* na *Usenet* e listas de correspondências (*mailing list*), como o *LISTSERV*.

Nesse contexto também há os cursos à distância mediados pelo computador ou *e-mail educacional* (Marcuschi, 2004). A vantagem para os alunos que usam esse tipo de comunicação é a de que todos têm a mesma oportunidade de participar da interação, o que nem sempre acontece em cursos presenciais, além disso facilita àqueles que não possuem uma disponibilidade de tempo regular para frequentar um curso presencial (Crystal, 2001).⁹

O ambiente *chat* síncrono é constituído de salas de bate-papo entre várias pessoas simultaneamente ou em ambiente reservado. Em uma situação síncrona, as interações eletrônicas acontecem em tempo real. O IRC (*Internet Relay Chat*) é um exemplo deste tipo de comunicação. Foi inventado por Jarkko Oikarinen na Finlândia, em 1988. Em pouquíssimo tempo o *chat* se espalhou pelo mundo e hoje em dia é usado por mais de 60 países e centenas de milhares de pessoas se comunicam através dele.

Os *chats* ficaram mundialmente famosos devidos a eventos históricos. Araújo (2003: 50) recorda a guerra do Golfo Pérsico, em 1991, “quando muitos documentos começaram a circular pela Internet, despertando a curiosidade dos frequentadores dos *chats* que se reuniam em um único canal do IRC para discutir o tópico “guerra””. Cita também o movimento social, ocorrido em Moscou contra Boris Yeltsin, em 1993, esse movimento levou muitos russos a dar depoimentos nos canais de *chat* sobre a questão, além de outros acontecimentos que foram um marco para os *chats*.

Com o passar do tempo, foram surgindo versões cada vez mais sofisticadas de *chats* de modo que, atualmente, eles têm-se proliferado em grande escala, tornando-se um meio de comunicação bastante eficaz entre as pessoas, com crescente riqueza de recursos, dependendo dos programas que utilizem.

Em sua pesquisa, Araújo (2003) apresenta três tipos de *chat*, a saber: a) IRC, b) ICQ e c) *chat* na Web.

⁹ Para mais informações sobre este tipo de *chat*, *Instructional Electronic Chats*, sugerimos também MURPHY e COLLINS, 1997.

a) IRC

O IRC é um programa que se conecta à rede mundial de computadores, permitindo a interação *on-line*. O acesso ao IRC é condicionado à instalação de um *software*. Usuários do IRC do mundo todo conseguem se juntar em uma área chamada canal para se comunicarem. O usuário recém-chegado insere-se em um contexto em movimento, vê uma série de linhas que correm em ordem de envio, de cima para baixo na tela do monitor. Na base da tela, em uma linha vazia, poderá digitar sua mensagem, alterá-la e inseri-la no fluxo do bate-papo com um simples *enter*. A elaboração e recepção ocorrem em momentos distintos, o tempo de formulação é limitado.

Para acompanhar a seqüência de pares conversacionais (adjacentes ou alternados), deve-se seguir os *nicks* dos usuários, que aparecem em destaque antes do sinal de dois pontos e da mensagem digitada.

Nick é a abreviação de *nickname*, “apelido”, escolhido pelos internautas para iniciar a interação nos bate-papos virtuais. Ele pode servir tanto como uma máscara para esconder identidades, quanto para chamar a atenção de pessoas. Portanto, é fundamental que a escolha de um *nick* seja a “certa” antes de causar uma primeira impressão diferente da pretensão do usuário. Embora um *nick* possa ser trocado a qualquer momento por iniciativa do usuário, alguns preferem manter seu apelido por muito tempo. (Jonsson, 1997). Crystal (2001:160) conclui que o *nick* para as pessoas “é sua identidade eletrônica: diz quem elas são, e atua como um convite para que outros conversem com elas”.

Para Marcuschi (2004), o tipo IRC é também designado como *chat em aberto* ou *room-chat*. O autor apresenta ainda outras cinco modalidades de *chat* como: 1) o *chat* reservado, que é uma variante dos *room-chats* onde os indivíduos interagem em particular e podem continuar vendo todos os demais participantes em aberto; 2) o *chat* privado (em salas privadas) com apenas dois parceiros de diálogos presentes; 3) a entrevista com convidado, que Hilgert (2001:23) prefere designar de *bate-papo com convidado*; 4) a aula *chat* (*chat* educacional) e 5) o *chat* agendado (ICQ).

b) ICQ

O ICQ é um tipo de *chat*, cuja utilização, assim como o IRC, também depende da instalação de um programa próprio no computador do usuário. Durante a instalação, o programa orienta o internauta para o registro de um número, o qual será buscado pelos adeptos do ICQ cada vez que estes decidirem se comunicar. A sigla ICQ é alusão à pronúncia inglesa *I seek you*, cuja tradução é “eu procuro você”.

Com o ICQ o usuário organiza uma lista de amigos de modo que, todas as vezes em que estes estiverem *on-line*, o sistema automaticamente o avisa, possibilitando a conversação em tempo real, caso a deseje. Pode acontecer que, ao se conectar, o participante perceba que nenhum dos amigos da lista esteja conectado. Mesmo assim, ele poderá tentar uma interação, clicando com o *mouse* em cima do *nickname* que lhe interessa, para que uma janela se abra, permitindo-lhe deixar uma mensagem escrita. Assim, a natureza conversacional do ICQ pode ser síncrona e assíncrona..

Segundo Barros (2000: 62), este tipo de bate-papo, é o que mais se aproxima de contextos orais/falados, já que permite ao destinatário da mensagem acompanhar o que está sendo digitado. Com relação a esse aspecto, as estratégias textuais utilizadas no ICQ e no IRC são basicamente as mesmas. As diferenças entre os dois tipos de bate-papo dizem respeito ao modo de programação das falas e do contato.

c) Chats na Web

Finalmente, os *chats* na *Web* representam a maneira mais acessível e utilizada pelos usuários. Seu uso é facilitado por não necessitar da instalação de um programa no computador. Basta que o usuário utilize seu navegador.¹⁰

¹⁰ Programas gráficos utilizados para acessar a *Web*. Os mais conhecidos e utilizados são o *Internet Explorer* e o *Netscape*.

Os *chats* podem ser operados com os recursos hipertextuais da *Web* como o som, a imagem e a escrita que é bastante peculiar e envolvente. Excelentes exemplos de *chats* na *Web* são os oferecidos pelo provedor Universo *On-Line* (UOL). São mais de três mil salas de *chats* organizadas em várias categorias como cidades e regiões, sexo, idade, temas, etc. (Araújo: 2003).

2.2. Por que as pessoas usam o *chat*?

Crystal (2001) reconhece duas razões para as pessoas usarem o *chat*. A primeira seria que os *chats* proporcionam “uma interação pessoal”. Segundo o autor, as pessoas não estão apenas interessadas em trocar informações, pois a *Web* já proporciona isso constantemente. É o caráter social dos *chats* e a atmosfera predominantemente de recreação que as fascina (como a própria metáfora *surfing* sugestiona). A segunda razão existiria em decorrência da primeira: tendo os *chats* um caráter social, que privilegia a interação entre as pessoas, estas se sentiriam à vontade para participar (principalmente por que podem ficar no anonimato) de um mundo dinâmico, experimental e imprevisível, em que a criatividade estaria presente na linguagem dos usuários. O autor conclui que: “Participar dos mais radicais grupos de *chats* deve ser como jogar um jogo interminável e maluco, ou participar de uma perpétua festa lingüística, em que ao invés de trazer uma garrafa você traz a sua língua” (p. 169).

Ainda com relação à pergunta “por que as pessoas usam o *chat*?”, Powers (1997: 134) afirma que, deve-se primeiro investigar sobre quem são elas. O autor pesquisou aproximadamente 300 pessoas e conclui que “as pessoas que você encontra *online* são pessoas de sua vizinhança, de local de trabalho ou de seus lugares favoritos de passeio. Elas são pessoas como você, tentando fazer o melhor que elas podem com os recursos que têm.”.

Com o objetivo de encontrar respostas para a pergunta em questão, fizemos uma pesquisa com 40 alunos de uma sala de aula do 2º ano do ensino médio de uma escola

particular, localizada na região oeste de São Paulo, para saber sobre os hábitos dos alunos em relação à Internet e à escrita em geral. A pesquisa foi feita por meio de um questionário (que se encontra em anexo), composto de 10 perguntas, que foram respondidas individualmente e em sala de aula.

O resultado parcial da pesquisa nos mostra que:

- 92,5% dos alunos possuem computador em casa;
- 100% têm acesso ao computador em casa ou em outro lugar;
- 100% consideram o computador como parte integrante do seu cotidiano;
- 52,0% utilizam o computador todos os dias por aproximadamente 3 horas diárias;
- 12,5% utilizam o computador 3 a 4 vezes por semana em média por 2 a 3 horas diárias;
- 25% utilizam 2 vezes por semana em média por 2 horas diárias;
- 10% utilizam pouco o computador;
- 0.5% não responderam.

Os alunos utilizam o computador para:

- (90%) pesquisar trabalhos escolares;
- (85%) conversar com pessoas nas salas de bate-papo ou ICQ;
- (40%) divertir-se;
- (35%) passar o tempo;
- (30%) visitar *sites*;
- (20%) ouvir músicas;
- (20%) fazer novos amigos;
- (15%) jogar;
- (15%) digitar textos escolares;
- (12,5%) mandar e-mails;
- (7,5%) saber sobre as últimas notícias;
- (5%) montar *sites*;

(5%) assistir a vídeo clipes;

(5%) *blog* (diário público);

(2.5%) comprar.

E finalmente os alunos usam o *chat* para:

(87,5%) conversar;

(65%) fazer novos amigos;

(55%) divertir-se;

(15%) dividir os mesmos interesses com outras pessoas;

(12,5%) paquerar;

(7,5%) falar sobre coisas que não fariam pessoalmente;

(5%) interagir com pessoas de culturas diferentes e aprender sobre elas;

(2,5%) assumir uma nova personalidade.

2.3. Falar sem voz

Ainda considerando o questionário utilizado para a pesquisa feita com alunos do 2º ano do ensino médio, constatamos que:

55% caracterizam a linguagem do *chat* como uma conversa informal;

40% utilizaram a palavra “fala” para caracterizar a linguagem do *chat*;

5% usaram os termos escrita informal.

Assim, é possível afirmar que quase a totalidade dos pesquisados considera a linguagem do *chat* uma “conversa” ou “fala”, apesar de utilizar sinais gráficos para realizá-la.

Na tentativa de compensar o fato de se “falar” sem voz e a falta da co-presença física dos interlocutores que implica ações e reações por gestos, expressões físicas, etc., recorre-se ao emprego de *emoticons*¹¹, interjeições e onomatopéias.

Quanto à densidade informacional, constata-se na fala uma rarefação de informação conteudística, comparada à extensão segmental, com campos semânticos mortos, devido às múltiplas hesitações, pausas, repetições, fragmentações e truncamentos, formas lexicais e não lexicais de contato e monitoramento da interação e dos turnos, como *certo?*, *né?*, *viu?*, *ok*, *hum hum*, etc. Nos *chats* alguns desses fenômenos praticamente não existem, como os vestígios de verbalização intrinsecamente ligados ao caráter fônico da fala, como é o caso dos elementos paraverbais do tipo *ah*, *éh*, *ahn*, *uhm* indicadores de hesitações e sustentadores de pausa.

As emissões dialogadas nas salas de bate-papo também são normalmente curtas, porém podem ser lidas e relidas na tela. As repetições são freqüentes, mas não sinalizam que a mensagem não foi compreendida, como no diálogo face a face, e sim representam a cobrança de alguma solicitação não atendida, como, por exemplo, uma resposta não dada, ou mesmo com a finalidade de brincar, já que os enunciados podem ser repetidos apenas teclando o “*enter*”.

A descontinuidade temática também está presente nas conversações das salas de bate-papo. A ruptura do tema acontece naturalmente, já que são muitos os participantes, provocando, muitas vezes, conversas paralelas entre si. As emissões escritas nos *chats* constróem-se cooperativamente uma vez que vários locutores participam desse evento lingüístico, em que perguntas esperam por respostas, afirmações podem ser ratificadas ou contraditas e solicitações podem ser ou não atendidas

Todos esses aspectos característicos da comunicação dos *chats* mostram um dinamismo natural semelhante ao da língua falada. Além disso, existe uma certa pressão

¹¹ No próximo tópico, explicaremos o que são os *emoticons* e apresentaremos uma lista dos mais freqüentes .

durante a produção, pois os locutores envolvidos disputam a posse de turno. É a velocidade da digitação o fator que garante o turno. Portanto, buscando fazer uma relação com esta propriedade, podemos explicar a quase impossibilidade de planejamento prévio, também característica típica da fala, favorecendo a espontaneidade e a imprevisibilidade, e caracterizando os *chats* como uma situação de uso linguístico informal, despreocupado e livre.

2.4. Recursos expressivos na Rede

a) As “carinhas” ou *emoticons*

Entre as formas peculiares da comunicação nos *chats*, destacam-se as chamadas *emoticons*. É um neologismo em língua inglesa que tem origem na fusão de *emotions* (emoções) com *icons* (ícones). Os *emoticons* são um sistema de símbolos que tentam traduzir emoções e intenções, substituindo expressões onomatopaicas, obtidos a partir da combinação de caracteres alfanuméricos com sinais de pontuação. O mais conhecido é o *smiley*: :), uma “carinha” sorridente inclinada 90°. Esse ícone pode ser usado no lugar de “hehehe” ou “hahaha”.

A intensificação da comunicação virtual gerou *emoticons* personalizados, multiplicando suas possibilidades expressivas. Hoje em dia, os servidores incorporaram diversos *emoticons*, aperfeiçoando-os graficamente e facilitando o seu emprego. Por exemplo, se se digita (k) o servidor automaticamente o substituirá por ☺.

Nas salas de bate-papo, encontramos muitos outros *emoticons*. Abaixo estão alguns dos símbolos mais utilizados pelos internautas para demonstrar reações e sentimentos:

- :-) Ilustra frase sarcástica ou jocosa
- :-(Expressão carrancuda. O internauta não gostou da última observação ou está deprimido.

:-/	Indiferença
:->	Muito sarcasmo
>:->	Expressão “diabólica”
>;->	Piscadela e “diabólica” combinadas
::-)	O internauta usa óculos
:-7	Expressão de nojo
:’-(Choro
:’-)	Emocionado
:-@	Grito
:-S	A observação do interlocutor foi incoerente
:-D	Internauta ri do interlocutor
:-X	Boca fechada (no sentido de manter um segredo)
:-O	Uh, oh! Problemas à vista
(:-)	Careca
.^)	Perfil
:-)~	Mulherão
8:-)	Garotinha
:-)8	Mulher
:-e	Desapontado
:-‘)	Resfriado
:-V	Gritando
:-/	Indeciso
:-?	Sem saber o que falar
:-))))	Felicidades (quanto mais parênteses, maior)
:-((((Tristeza (quanto mais parênteses, maior)
[-:-]	“Quadrado” (antiquado)
((:-))))	Muito gordo
*)	Bêbado

A presença dos *emoticons* é de grande utilidade. Como o locutor não mostra o rosto na tela, pode valer-se desses recursos como meio de expressar o que sente e mostrar

virtualmente sua expressão facial. Além disso, os *emoticons* servem para evitar a ambigüidade do conteúdo de uma frase, atenuar ou reforçar o tom de uma afirmação. Entretanto, Crystal (2001) afirma ser seu papel semântico limitado. Se tomado individualmente, um “*smiley*” pode ter um número variado de significados; pode sugerir felicidade, simpatia, piada, bom humor, prazer, diversão, etc. É somente o contexto verbal que pode proporcionar uma correta interpretação.

O autor também associa o uso de *emoticons* com “a interação imediata que o *chat* proporciona e sua aproximação com a fala.” (p.38). e justifica o não uso deles na linguagem escrita tradicional, justamente pelo fato de que na escrita há mais tempo para se desenvolver frases que deixem claras as atitudes do emissor.

b) Letras maiúsculas, sinais múltiplos de pontuação e repetição de grafemas finais

As letras maiúsculas, os sinais de pontuação e a repetição de grafemas finais são recursos que ajudam na construção da entonação, que em uma situação presencial é conseguida pelo tom de voz.

Por exemplo, a palavra “SOCORRO!!!!” escrita com letras maiúsculas significaria alguém gritando por ajuda. Já em outro contexto, se encontrássemos a expressão “o queeee?”, poderíamos interpretá-la com a ajuda da repetição do *e* final, que o interlocutor está demonstrando sua indignação ou surpresa por algum fato.

c) Sons Onomatopaicos

São representados através de recursos gráficos com diversas finalidades:

- para imitar risadas: HAHAAH
- representação de sensações olfativas: Hummmmmmmmm, que cheiro!
- Para imitar choro ou soluço: SNIFF... SNIFF.

- Etc.

d) Os acrônimos, as formas abreviadas, as grafias

Uma característica da comunicação de rede é o uso de siglas, acrônimos ou abreviações. Eles são termos usados regularmente no dia a dia e por muitas pessoas.

As emissões escritas têm que ser digitadas com rapidez, acompanhando o ritmo do bate-papo na tela do computador; por isso, abreviações são freqüentes, convenções são criadas/e não há preocupação com questões ortográficas ou com pontuação adequada, embora os sinais de pontuação utilizados pelos locutores desempenhem um papel importante para a comunicação no que diz respeito à entonação, como já informamos. Além disso, percebe-se o tom informal através de gírias e expressões típicas dos diálogos orais, ou de textos escritos informais como: cartas familiares, crônicas, etc.

Vejamos, a seguir, algumas peculiaridades da escrita dos *chats*:

1- Abreviações

Houaiss (1967:122) estuda as abreviações e as define como “braquigramas de valor circunstancial, variável de obra para obra, de autor para autor, em função da freqüência de certos vocábulos empregados, reduzidos por economia, em geral”.

A economia é um dos princípios constantes dentro do sistema de abreviações citado na obra de Houaiss (1967) várias vezes. Seguindo o mesmo princípio Rintel e Pittam (1997: 524, apud Jonsson 1997: 5) sugere para a criação de abreviações se usar “a menor forma fonética, a mais fácil de se digitar e que represente uma palavra”.

Crystal (2001:156) analisa as abreviações e as define como uma economia de caracteres que representa a tentativa de ganhar tempo e de conversar de maneira clara.

Como o fluxo conversacional do *chat* é muito intenso, os participantes não esperam e nem enviam turnos compridos. O envio de uma grande quantidade de informação, portanto, não é algo desejado pelos usuários do *chat*, de modo que o uso das abreviações é muito comum entre eles.

Muitas vezes encontramos apenas uma única letra representando uma palavra, como *q* (que). Segundo Jonsson (1997), o uso freqüente das abreviações indica a longa experiência que o usuário tem com a Rede, já que os pouco experientes, denominados por ele de *Newbies*, geralmente se preocupam mais com a “correção” gramatical.

Para Marcuschi (2004: 63), boa parte das abreviaturas “é artificial, localmente decidida e não vinga (...) são passageiras e servem apenas para aquele momento.”. Entretanto, “outras se firmam e vão formando um cânone mínimo que vai sendo reconhecido como próprio do meio.”

Abaixo estão algumas das mais comuns abreviações em inglês encontradas por POWERS (1997: 31):

Shortcut	Phrase	Shortcut	Phrase
Bbiaf	be back in a few	lol	laughing out loud
Afk	away from keyboard	rofl	Rolling on floor laughing
Bak	back at keys	bbiab	be back in a bit
Brb	be right back	faz	for a second
lmao	laughing my *butt* off	btw	by the way
Ttfn	ta – ta for now!	imho	in my humble opinion
Wb	Welcome back	wtg	way to go
Gmta	Great minds think alike	imo	in my opinion

Nos *chats* brasileiros, as abreviações mais comuns são:

Abreviações	Palavras	Abreviações	Palavras ou expressões
Vc ou c	Você	Fds	Fim de semana
Q	Que	C/	Com
P/	Para	Qm	Quem
Qdo ou qnd	Quando	Blz	Beleza
Qto ou qnt	Quanto	Nd	Nada
Qq	Qualquer	Tbm	Também
Pq	Porque	Kd	Cadê
Ñ	Não	Tc	Teclar
Mto	Muito	Plz	<i>Please</i>
Msm	Mesmo	Pvt	<i>Private</i>
Msg	Mensagem		

Algumas dessas formas se referem a palavras inglesas e denotam a dimensão global de certas convenções.

2- Convenções criadas para substituir o acento inexistente em certos processadores de textos:

- entaum (então)
- naum (não)
- ch (é)
- tah (tá –está)
- lah (lá)
- jah (já)
- soh (só)

3- Convenções criadas para aumentar a rapidez da digitação e a proximidade com a língua falada:

Podemos citar as permutas de ordem gráfica. Por exemplo, ao invés de digitar “acho, escreve-se “axo”. Esse tipo de permuta, além de uniformizar o sistema fonético consonantal, favorece a rapidez na digitação de mensagens

As permutas podem ser:

- com letras:

C tah loka

- com números:

to ½ triste

- com símbolos matemáticos:

ñ fala + nd

Também se encontra muito a permuta de grafema em letra final, ou melhor, em posição fraca, que conhecemos por processo de assimilação, fenômeno muito comum na fala:

Eu sempre soube dos seus interesses mesmu!

Entretanto, se esta mesma frase fosse falada, certamente não haveria permuta apenas no final da frase, e sim em quase todas as palavras. Seria: “Eu sempri soubi dus seus interessis mesmu!”.

Há ainda outros fenômenos de reduções de palavras, como:

- a aférese, que significa a redução de fonemas no início da palavra:

tá por *está*

xonada por *apaixonada*

- a apócope:

Ele *fico* bravo

- a redução de ditongo:

troxa por *troux*a

Todas essas e outras grafias peculiares encontradas nos *chats* são funcionais, se consideramos a rapidez e a agilidade que são exigidas do usuário para garantir seu turno na interação e, conforme afirma Powers (1997: 30): “Como em qualquer língua, as grafias estão em constante mudança, e também são, geralmente, personalizadas”, dependendo das necessidades dos falantes ou usuários.

Retomando os pontos discutidos até o momento, destacam-se os seguintes aspectos:

- 1) o *chat* é um gênero que se constituiu, recentemente, dentro do suporte da *Internet* e, como todo gênero textual, apresenta elementos que o caracterizam;
- 2) há *chats* com diferentes finalidades (conhecer pessoas, interagir com algum artista, debater assuntos controversos) que podemos encontrar em diversos provedores;
- 3) alguns desses provedores possuem certas regularidades como, por exemplo, o uso de sinais gráficos para a expressão de emoções (*emoticons*), formas abreviadas para suprir a necessidade de rapidez exigida pela interação, convenções criadas para substituir a falta de acentos de alguns provedores. Todos esses recursos aumentam a rapidez da digitação e a proximidade com a língua falada.

Parece-nos que as pessoas habituadas a freqüentar as salas de bate-papos estão aptas a reproduzir certas convenções relativas às produções verbais aí possíveis, e espera-se das que não estão habituadas uma rápida adaptação de seu discurso às formas do gênero, ou seja, ao tipo de conteúdo, ao tipo de estilo e de construção composicional de seus enunciados que são, para Bakhtin, os três elementos que caracterizam um gênero. Na falta dessa adaptação, o interlocutor não será bem sucedido na sua tentativa de interação verbal via *chat*.

No próximo capítulo, verificaremos se as características, aqui apontadas, do novo gênero textual *chat* estão, de alguma forma, influenciando a escrita de alunos. Analisaremos, mais especificamente, alguns bilhetes cedidos por eles para podermos caracterizar esse gênero e elaborar nossas conclusões.

3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

3.1. Um breve estudo sobre o computador no cotidiano da nova geração

Tão revolucionária quanto a máquina a vapor ocorrida no final do século XVIII, é talvez a contemporânea Revolução Digital. Estamos vivendo um novo momento de profundas mudanças. Na década de 1990, uma tecnologia, já existente no exterior, entrou nos lares da classe média brasileira: o computador pessoal. E, a partir de 1995, popularizou-se no Brasil o uso da Internet.

É certo que as novas tecnologias da comunicação têm mudado as feições sociais de um mundo que dependia, em grande medida, do papel e da tinta para registrar a informação e o conhecimento. Hoje, Internet e *e-mail* têm alterado de modo radical o fluxo de informações entre pessoas e empresas. Estima-se que mais de 200 milhões de pessoas estejam conectadas à Internet e que este número aumente diariamente. Sabe-se que “cada novo internauta acrescenta um punhado de letrinhas por semana para o incalculável volume de textos em circulação” (Rizzo, 2001: 43). O autor conclui e julga com base nesse quadro que, “na história da humanidade, nunca se escreveu tanto – embora mal” (p.41).

Foi, então, pensando neste julgamento que iniciamos nosso estudo e procuramos ao longo dele verificar o que está acontecendo com os hábitos lingüísticos dos alunos e se, realmente, concordamos com a afirmação de Rizzo, citada acima.

Em primeiro lugar, vale ressaltar que não apenas o uso crescente do *e-mail*, mas da Internet e ainda, mais especificamente, dos *chats* é que pode estar alterando a maneira de escrever dos alunos.

Investigando sobre o assunto, encontramos outros pesquisadores, como Zaremba, Romão-Dias e Nicolaci-da-Costa (2002) interessados em saber sobre a forma com que crianças e adolescentes brasileiros estão lidando com a inserção do computador e da

Internet em suas vidas. Os autores investigaram crianças e adolescentes de 10 a 15 anos através de questionários que lhes foram enviados por *e-mail*.

Os resultados mais relevantes desta pesquisa e de interesse para nosso estudo foram os seguintes:

- os sujeitos pesquisados preferem mandar um e-mail a escrever uma redação para a escola;
- eles se sentem interagindo com o computador, o que torna a atividade de teclar mais prazerosa do que escrever;
- a língua usada para falar na Rede não é o Português tal como conhecemos fora dela. É mais uma língua híbrida (p. 97).

Pensando nestes resultados, decidimos dividir nossa análise em duas etapas: análise do questionário respondido por 40 alunos de uma sala de aula do 2º ano do ensino médio e análise de bilhetes escritos e trocados por 7 alunas dessa mesma sala de aula.

Na primeira etapa, foram analisadas todas as respostas que todos os sujeitos deram para cada questão. Esse momento da análise visou a esboçar um quadro geral dos hábitos dos alunos em relação à Internet e à escrita.

Acreditamos que os resultados colhidos nesta etapa do trabalho sejam de grande importância para verificarmos, na segunda etapa, a influência da linguagem dos *chats* nos bilhetes.

Com relação ao questionário respondido pelos alunos, chamou-nos a atenção o fato de todos considerarem o uso do computador como parte integrante do seu cotidiano. A

maioria dos jovens utiliza o computador todos os dias por aproximadamente três horas diárias. Alguns atribuem um valor afetivo a ele¹¹:

—— “Sem o meu computador não conseguiria viver. Com ele faço tudo: trabalho p/ a escola, jogo e bato papo.” (menina – 17 anos)

“A Internet é a minha salvação na hora de fazer trabalho. Tem tudo o que preciso. também passo horas no chat conversando c/ muitas pessoas.” (menina – 16 anos)

“Todo dia tenho q entrar na Internet seja para pesquisar, ouvir música ou conversar.” (menino – 16 anos)

Um aspecto interessante para este estudo chama a atenção para as respostas de nossos sujeitos: eles utilizam termos relacionados à modalidade falada quando descrevem as utilidades do uso do computador, como “conversar”, “bater papo”.

É bastante clara a aproximação que os alunos fazem entre a modalidade falada e o teclar na Internet, quando perguntamos sobre a diferença entre escrever à mão, digitar, teclar e falar, como se pode observar nas passagens abaixo:

—— “Escrever a mão é muito cansativo e demorado, tc é igual a conversar na “net”, não me preocupo em escrever certinho, procuro aproximar dos sons da fala, digitar é por exemplo digitar trabalhos, escrever cartas, etc. e falar é o mais fácil de todos.” (menina – 16 anos)

“Escrever a mão cança mais, do que os outros. Teclando você conhece pessoas nova, conversa. Digitar é por exemplo passar um trabalho no word e falar é mais espontâneo, você vê a expressão do outro.” (menina – 17 anos)

¹¹ Os trechos do discurso dos sujeitos que apresentamos nesta seção foram retirados das respostas dos sujeitos tal como foram escritas. Portanto, erros de digitação, ortografia e gramática, bem como as abreviações foram

“Um é mais fácil do que o outro. Para mim o mais fácil é falar, depois é teclar na Internet. Mas em caso de trabalho é melhor digitar ou escrever à mão.”
(menina – 16 anos)

Quando perguntamos se costumam escrever cartas e enviá-las por correios, a maioria respondeu que não (94%) e obviamente a maioria também prefere o uso do computador para se comunicar do que escrever à mão:

“Uso o computador, é mais legal, você pode abreviar e cansa menos.”
(menino – 16 anos)

“Prefiro tc é lógico, pq é mais rápido e dá pra abreviar as palavras.” (menino – 16 anos)

“Prefiro tcr. Porque é como se tivesse um diálogo, vc escreve e já lê a resposta.” (menina – 16 anos)

Esse último depoimento também nos mostra mais uma vez a aproximação que o aluno sente entre a modalidade falada e o teclar, parece perceber a maior interação que há entre os interlocutores na fala, quando se refere a “diálogo”, ainda que use os termos “escreve” e “lê”.

Alguns, no entanto, ainda preferem escrever à mão, atribuindo à escrita a característica de ser mais “correta”:

“Prefiro escrever a mão. Porque a escrita parece desenvolver mais o nosso cérebro e nos ajuda a escrevermos melhor e mais certo.” (menina – 17 anos)

Ao perguntarmos se a linguagem usada nos *chats* é empregada por eles em alguma outra circunstância e se ela os influencia no momento em que estão escrevendo à mão um texto, vários aproximaram essa linguagem da modalidade falada novamente:

“Utilizo nas conversas do dia a dia.” (menina – 16 anos)

“Sim, quando estou falando.” (menina – 16 anos)

“Sim, em bilhetes de classe e para copiar lição.” (menina – 16 anos)

“Quando converso por bilhetes na sala de aula às vezes, por ser + rápido.”
(menina – 16 anos)

Alguns confessaram que a linguagem dos *chats* influencia a escrita:

“Sim, pois muitas vezes escrevendo me vejo abreviando palavras como “também” em tb.” (menina – 17 anos)

“As vezes me atrapalho p/ escrever e começo a abreviar tudo.” (menino – 17 anos)

“Sim, as vezes escrevemos errado ou abreviamos por costume de escrever na internet.” (menina – 16 anos)

“Sim as vezes você troca palavras por letras.” (menina – 17 anos)

“Sim as vezes escrevo “naum” ao invés de não.” (menino – 16 anos)

“As vezes não me recordo como se escreve alguma palavra corretamente, devido na internet utilizarmos muitas abreviações.” (menino – 16 anos)

“Sim, as vezes confunde um pouco, por exemplo: pesquisa – peskisa, etc.”
(menina – 16 anos)

“Sabemos que devemos utilizar a linguagem culta em uma redação, mas as vezes nos atrapalhamos com essa linguagem “jovem” (menina – 17 anos)

Em vários depoimentos percebemos que os alunos são conscientes da existência da variação lingüística, ou seja, percebem que há diferentes *usos da língua* para diferentes situações, ou práticas sociais, segundo afirma Marcuschi (2001); entretanto, admitem estarem “misturando” esses usos, quando, por exemplo, escrevem redações usando formas próprias da linguagem dos *chats*:

“Sabemos que a linguagem de uma redação tem que ser muito mais formal que coloquial, mas as vezes acabamos misturando as coisas e passamos a abreviar palavras ou cometer “erros” próprios da Internet.” (menina – 17 anos)

“Sei que em uma redação as palavras devem ser escritas corretamente, já na Internet não há um rigor para a escrita e não acho que esteja errado, pois todo mundo se comunica do mesmo jeito. Mesmo assim acabo muitas vezes me confundindo na hora de uma redação.” (menina – 17 anos)

“Acho que consigo separar as duas formas de escrita, só de vez em quando escapa algum erro.” (menino – 16 anos)

“Quando você entra no chat todos escrevem diferente, e as vezes na hora de escrever uma redação, acaba errando.” (menino – 16 anos)

Os adolescentes do nosso estudo demonstraram grande facilidade ao lidar com o computador e com a Internet. Encaram o uso do computador como parte de sua rotina diária e a Internet como parte quase inseparável do computador.

Em muitas de suas respostas os adolescentes mencionaram as facilidades que a Internet e o computador trazem para a vida escolar. Tudo parece ter ficado mais fácil, desde as pesquisas por WWW, até a praticidade da digitação. Mas, certamente, um aspecto não passa despercebido nos depoimentos reproduzidos acima: a gramática e a ortografia desses adolescentes não são exatamente as ensinadas nos livros de gramática. Acostumados com a Rede, onde tudo acontece rápido demais, não há tempo para acentuar e abreviações são necessárias.

Por conta da rapidez, usa-se apenas a inicial de algumas palavras e a grafia de outras é alterada: “que” vira “q”, “aqui” se transforma em “aki”, “você” em “vc” ou “c”, além da total ausência de acentuação que faz com que “então” vire “entaum”, etc. Parece que o que se tenta reproduzir são os sons da fala por meio dos sinais gráficos da escrita. Tal questão foi abordada por Urbano em entrevista à Revista Educação. Sobre a linguagem da Internet, o pesquisador aponta para o uso dos “sinais gráficos da escrita”, mas com “características linguístico-discursivas básicas da língua falada. Pode-se dizer que se trata de um uso híbrido da linguagem” (2001: 49).

Relembramos ainda o fato de que alguns jovens admitiram que detestam escrever, mas gostam muito de teclar, salientando assim a idéia de que a linguagem usada na Rede parece não ser a mesma usada fora dela. Para eles, escrever à mão é “chato” e “cansativo” e teclar é mais “fácil” e “rápido”. Ressaltamos também que associam o teclar com a possibilidade de estar em contato com outras pessoas, de se comunicar. Esse prazer de teclar está relacionado ao caráter interativo da Rede, o que faz com que sua linguagem se aproxime mais da modalidade falada. Grande parte dos depoimentos mostra que os jovens associam o uso do computador a “conversas” e “bate-papos”.

Considerando a última questão – aquela relativa à transferência do uso da linguagem empregada nos *chats* para outros contextos - como a mais importante para nosso estudo, pode-se dizer que muitos alunos admitem que alguns usos dessa linguagem estão se tornando hábitos e “vazando” para a linguagem em geral, seja em anotações em seus cadernos, bilhetes e até mesmo em redações escolares.

Passaremos, agora, a analisar os bilhetes escritos por alunas em sala de aula, a fim de se comunicarem, com o objetivo de verificar se a linguagem dos *chats* as influencia, seja em sua organização ou nos usos lingüísticos, e apontar a relação dos bilhetes com a modalidade escrita e falada.

3.2. Aproximações do gênero *chat* com os bilhetes que constituem o *corpus*

3.2.1. Definição dos bilhetes

Fazem parte também do *corpus* de nosso trabalho 14 bilhetes escritos por sete alunas de dezesseis anos, em uma sala de aula do segundo ano do ensino médio de uma escola particular, localizada na zona oeste da cidade de São Paulo.

A idéia tradicional que temos do gênero bilhete seria a de uma mensagem geralmente curta deixada para uma pessoa ou para várias. Poderia ter a função de um lembrete e, portanto, não precisaria ser respondido, ou teria a forma de pergunta e assim, quem o recebesse deveria respondê-lo. Portanto, o formato que se espera deste tipo de bilhete seria o de um texto constituído por basicamente duas contribuições: a do emissor e a do receptor, quando emitido para apenas uma pessoa. Se mais pessoas o recebem, mais respostas serão atribuídas a ele.

Os bilhetes analisados, entretanto, são constituídos por várias contribuições. Na verdade são diálogos de adolescentes pertencentes à classe média, escritos em folhas avulsas que circulam pela sala de aula. Para interagirem com os demais colegas na aula sem serem incomodados, os jovens trocam mensagens numa espécie de “*chat* manuscrito”, como podemos observar pelos exemplos a seguir:

B9.

(1) COMO A GENTE VAI FAZÊ? DIA 4?

- (2) *eu ã tenho a minima idãia... da vai desconfiar se a gente ã for...*
- (3) Hum, vai nada. Ela é cabeçuda. Eu ainda acho melhor do jeito q falei tal da Nathy ir c/ ela tal sei lá enquanto o Dan e eu vamos p/ casa dela
- (4) *alé parece é + facil vc e o dan c/ da*
- (5) ELA VAI DESCONFIAR... VAI NO CINEMA... COME... TOMA SORVETE... E DEPOIS VOLTA.
- (6) Vixi... mas eu já falei q acho q naum vai dar p/ ela
- (7) *por isso agora vai dah, eu falo q vc e ligo no seu cel qnd vcs já tiverem no shop e falo q ã vou +*
- (8) EU TBM! HEHE :-) DEPOIS A GENTE VAI NA FESTA :-) ÍÍÍÍH...
- (9) vcs vão lah antes? Como vai ser?
- (10) *pode ser a Iza falo q tem jogo em SBC e eu ã vou pq sei lah...*
- (11) ã... SBC ã... EM... AMERICANA!... HEHE...AÍ QND ACABÁ O TREINO EU VÔ!
- (12) Mas qm vai antes? Eita... E o Beca? Qm vai leva ele lah? Por isso tbm eu ia antes. Mas como o Danilo e eu vamos depois p/ casa dela co/ ela? Acho melhor do outro jeito
- (13) *eu ã tenho R\$ p/ passar no shop e o q já sei*
- (14) A NATHY VAI TAH LAH... ELE CHEGA E CANTA UM REGGAE ATÉ VC CHEGAR
- (15) Ai ã faça isso c/ a coitadinha! Vixi temos que arrumar issso direito... ou então vai o Danillo, a Nathy e o Beca sei lah p/ casa da Ka antes e fica ela e eu... eh + mais fácil p/ enrolar
- (16) *é falo c/ a Iza da Karlla hj!*
- (17) SEI LAH! CS Q SABEM!...
- (18) eu falar? Ah naum fala vc agora. Ano passado fui eu jah! Tenho vergonha
- (19) *eu vou ver se falo com da.*

Diferentemente dos *chats*, em que há a necessidade de explicitar nominalmente os diferentes participantes já que estes não compartilham o mesmo espaço físico, nas interações dos bilhetes as emissões de cada um dos participantes são reconhecidas pela caligrafia.¹²

A princípio três aspectos já nos chamam atenção nessas interações e as aproximam dos *chats*: a disposição gráfica dos diálogos, a quantidade de informações implícitas e a informalidade da linguagem. A seguir, discutiremos mais detalhadamente estas e outras semelhanças dos bilhetes com o gênero *chat*.

3.2.2. Justificativa pela opção *chat*

Antes de analisarmos mais detalhadamente nosso *corpus*, vale ressaltar a justificativa por optarmos por um paralelo dos bilhetes com os *chats* e não com o gênero *e-mail*.

Marcuschi (2004) quando analisa os gêneros textuais na mídia virtual caracteriza-os como projeções ou “transmutações” de outros gêneros já existentes, ou seja, apresenta os gêneros virtuais e suas contrapartes reais, como nos mostra o quadro a seguir:

¹² Optamos por atribuir um tipo de letra diferente para cada participante do diálogo a fim de facilitar a compreensão do desenvolvimento da interação.

	Gêneros Emergentes	Gêneros já existentes
1	E-mail	Carta pessoal // bilhete // correio
2	Chat em aberto	Conversações (em grupos abertos?)
3	Chat Reservado	Conversações duais (casuais)
4	Chat ICQ (agendado)	Encontros pessoais (agendados?)
5	Chat em Salas privadas	Conversações (fechadas?)
6	Entrevista com convidado	Entrevista com pessoa convidada
7	E-Mail educacional (aula por e-mail)	Aulas por correspondência
8	Aula Chat (aulas virtuais)	Aulas presenciais
9	Vídeo-conferência interativa	Reunião de grupo / conferência / debate
10	Lista de Discussão	Circulações / séries de circulares (???)
11	Endereço eletrônico	Endereço postal
12	Blog	Diário pessoal, anotações, agendas

Fonte: Marcuschi (2004:31)

Com base no quadro acima, verificamos que o bilhete “tradicional” (o qual já procuramos defini-lo), assim como a carta pessoal são as contrapartes reais do gênero emergente *e-mail*, segundo o autor. No entanto, no caso dos bilhetes a serem analisados ou como já os designamos, uma espécie de “*chat* manuscrito”, preferimos colocá-los em paralelo com os *chats* por se tratarem de interações síncronas. Quanto ao *e-mail*, em geral, sua transmissão se dá de maneira assíncrona.

Consideramos a relação do tempo nos bilhetes como síncrona uma vez que o envio e o recebimento das mensagens escritas acontecem simultaneamente. Cada bilhete foi escrito por duas ou três alunas sentadas próximas umas as outras na sala de aula, em uma folha que era passada espontaneamente entre elas.

O quadro elaborado por Marcuschi com os gêneros emergentes e suas contrapartes pré-existentes significa uma tentativa aproximada de fazer um “paralelo formal e funcional entre gêneros novos e antigos”. Segundo o autor, esses gêneros “têm características próprias e devem ser analisados em particular. Nem sempre têm uma contraparte muito clara e não se pode esperar uma especularidade na projeção de domínios tão diversos como são o virtual e o real-tradicional” (Marcuschi, 2004: 31).

Pensando nestes dois últimos termos utilizados por Marcuschi, “domínio virtual” e “domínio real-tradicional”, uma pergunta nos inquieta: a quais destes domínios pertenceriam os bilhetes que compõem nosso *corpus*? De imediato teríamos a resposta de que ao primeiro domínio certamente não pertenceriam, por não se tratar de uma comunicação mediada pelo computador. Entretanto, o termo domínio real-tradicional talvez também não seja o mais apropriado para se localizar nossos bilhetes, uma vez que já após uma primeira incursão pelo *corpus* notamos que não possuem muitas semelhanças com o gênero bilhete “tradicional”. É importante salientar que com isso não pretendemos estabelecer que esses bilhetes escritos por alunos em sala de aula tratam de algo novo. Pelo contrário, acreditamos que interações como as que compõem o *corpus* já ocorrem há bastante tempo, talvez antes mesmo da popularização dos *chats*.

Deixando de lado, portanto, a questão dos domínios, uma vez que não consideramos relevante para nossa análise, voltamos a afirmar que nossa proposta é a de buscarmos características oriundas da cultura eletrônica nos bilhetes, ou melhor ainda, de estabelecermos um paralelo entre os bilhetes das alunas e os *chats*.

3.2.3. A organização textual dos bilhetes e alguns aspectos semelhantes aos *chats*

Mostramos e caracterizamos, de maneira sumária, em outra oportunidade, algumas modalidades do *chat*, apresentadas por Marcuschi (2004) como gêneros virtuais emergentes, a saber: *chat* em aberto, *chat* reservado, *chat* agendado (ICQ), *chat* privado, entrevista com convidado e aula *chat*. Pensamos ser importante definirmos as modalidades trabalhadas junto aos bilhetes e limitarmos nossa investigação a elas, ressaltando que cada um destes gêneros tem características próprias que merecem ser analisadas em particular. Lembramos que o que pretendemos neste estudo é levantarmos alguns parâmetros que identifiquem estes gêneros e não uma caracterização exaustiva de cada um deles, haja vista que nosso foco principal será a caracterização dos bilhetes. Optamos, portanto, pelo *chat* em aberto e sua variante *chat* reservado, assim como o *chat* agendado (ICQ) com o intuito de, ao longo da análise, saber se há uma modalidade que mais se aproxima dos bilhetes.

Uma primeira incursão pelo *corpus* revela, conforme já mostramos anteriormente, que, embora se trate de um texto materializado graficamente, sua concepção é dialogada, ou seja, o bate-papo só se concretiza por meio da alternância de turnos, fato que o aproxima da conversação face a face, da conversação telefônica e dos *chats* em geral.

Galembek (1995: 60) define turno como “qualquer intervenção dos interlocutores (participantes do diálogo), de qualquer extensão”. A posição adotada pelo autor sobre o turno valoriza todas as intervenções dos interlocutores, “tanto aquelas que possuem valor referencial ou informativo (ou seja que desenvolvem o assunto tratado num fragmento de diálogo), como aquelas intervenções breves, sinais de que um dos interlocutores está “seguindo” ou “acompanhando” as palavras do seu parceiro”. O autor classifica o primeiro tipo de intervenção como turno nuclear e define o segundo como turno inserido. Classificações importantes para entendermos a noção de simetria e assimetria.

Esses dois conceitos se relacionam com a distribuição dos turnos. Galembek (1995: 63) lembra que em uma situação de simetria, os interlocutores “participam do diálogo com turnos nucleares, nos quais se desenvolve o tópico em andamento”, ou seja, os interlocutores contribuem para o desenvolvimento do tópico se alternando nas contribuições. Já numa situação de assimetria “um dos interlocutores desenvolve o tópico; o outro “vigia” ou “segue” o seu parceiro”. As contribuições para o desenvolvimento do tópico, portanto, são feitas predominantemente por um dos participantes.

Voltando ao gênero *chat*, sintetizamos a seguir alguns traços básicos, fornecidos por Marcuschi (2004), que caracterizam o *chat* em aberto, no que diz respeito a sua organização:

- a) São produções escritas no formato de diálogo;
- b) Os turnos não se apresentam necessariamente numa seqüência encadeada no formato de pares adjacentes ;

- c) São produções síncronas, porém pode não ocorrer a sincronia esperada no caso de respostas não imediatas, quando o parceiro responde muito tarde ou interage com vários simultaneamente;
- d) As contribuições são em geral curtas;
- e) Há a possibilidade de operar comandos e praticar ações que nem sempre são bilaterais, ou seja, há a possibilidade de uma pessoa estar se comunicando com vários participantes na sala e ao mesmo tempo com outro participante em ambiente reservado sem que os demais do grupo saibam. Por esse motivo, Marcuschi afirma que nem sempre se dá uma relação interpessoal (centrada no indivíduo e nas relações individuais) nos *chats* em aberto.

Quando, porém, se quer uma relação interpessoal mais definida, o *chat* reservado seria uma espécie de solução. Neste tipo de *chat* um participante pode retomar e desenvolver tópicos anteriores com um outro participante com a possibilidade de respostas mais ordenadas e ao mesmo tempo continuar a observar as interações do grupo.

Já o tipo bate-papo ICQ difere dos demais pelo fato de os participantes se conhecerem e poderem observar-se simultaneamente nas digitações se assim o desejarem, já que a digitação vai aparecendo *on-line*, não sendo necessário esperar pelo registro do texto após sua digitação. Como bem lembra Jonsson (1997: 22) esse programa encoraja interações mais personalizadas e não se dá no total anonimato. No geral, os participantes possuem interesses similares e conversam sobre temas afins, sendo mais fácil, portanto, desenvolverem melhor os turnos se assim o desejarem. Marcuschi (2004: 50) afirma que “com o ICQ pode-se dizer que se criam verdadeiras comunidades virtuais com interesses e similares”.

Com relação aos turnos que compõe os bilhetes, procuramos fazer um levantamento da extensão deles, a fim de verificarmos se prevalecem turnos curtos ou longos. Esclarecemos que separamos os turnos que não ultrapassam uma linha dos demais. Os resultados estão no quadro a seguir:

Bilhetes	Intervenções que não Ultrapassam 1 linha	Intervenções com Mais de 1 linha
B1	20	07
B2	24	02
B3	42	01
B4	13	02
B5	10	04
B6	15	01
B7	20	06
B8	12	01
B9	15	04
B10	17	08
B11	27	03
B12	20	00
B13	04	07
B14	18	04

A análise do quadro comprova que prevalecem os turnos curtos. Em apenas um bilhete B13 há mais turnos longos que curtos.

Olhando mais detalhadamente os turnos curtos, constatamos que aproximadamente 75% deles não ultrapassam mais de sete palavras, que se caracterizam como turnos quando olhadas nas relações que se estabelecem no contexto da interação em andamento. A seqüência de interações retirada do B3 ilustra isso:

B3.

- (8) *entãum amiga, vamu confia no nosso lado...*
- (9) AH! A GENTE FAZ UM CHARME!

- (10) *com certeza eles ã resistirão...uhahaha*
- (11) UHAHAHA! AI Q BABACA! :-/
- (12) *babaca não...*
- (13) ORIGINAL! Q +?
- (14) *o que será hein miga?*
- (15) o q?
- (16) *q ele vão aprontar?*
- (17) SERÁ UM JANTA ULTRA ROMÂNTICO A LUZ DE VELA?
- (18) *Ū! HOPP IMAGINAÇÃO A SUA HEIN?*
- (19) EU TAVA FALANDO SOBRE ISSO C/ O K ONTEM!
- (20) *SOBRE O 2?*
- (21) UM JANTAR ROMANTICO!

Lendo a seqüência acima percebemos que os turnos curtos proporcionam um dinamismo interacional típico das conversações face a face e são encontrados também nos *chats* em geral.

Observamos também o encadeamento dos turnos nos bilhetes e constatamos que eles acontecem como nas interações dos *chats* reservados, já que a maioria dos bilhetes (exceções B8 e B9) são escritos por apenas dois participantes e os turnos, portanto, têm o formato de pares adjacentes. Nos bilhetes B8 e B9, procuramos identificar se os turnos acontecem sempre de forma ordenada, ou seja, se cada participante recebe uma resposta logo após a sua intervenção, fato que, como já mencionamos, nem sempre acontece nos *chats* em aberto.

Constatamos que em B8 apesar de haver três participantes no diálogo, os turnos acontecem de forma ordenada. Vejamos agora B9:

B9.

- (12) Mas qm vai antes? Eita... E o Beca? Qm vai leva ele lah? Por isso tbm eu ia antes. Mas como o Danilo e eu vamos depois p/ casa dela co/ ela? Acho melhor do outro jeito
- (13) *eu ã tenho R\$ p/ passsar no shop e o q já sei*
- (14) A NATHY VAI TAH LAH... ELE CHEGA E CANTA UM REGGAE ATÉ VC CHEGAR
- (15) Ai ã faça isso c/ a coitadinha! Vixi temos que arrumar isso direito... ou então vai o Danillo, a Nathy e o Beca sei lah p/ casa da Ka antes e fica ela e eu... eh + mais fácil p/ enrolar
- (16) *é fala c/ a Fra da Karlla hj!*
- (17) SEI LAH! CS Q SABEM!...
- (18) eu falar? Ah naum fala vc agora. Ano passado fui eu jah! Tenho vergonha
- (19) *eu vou ver se falo com da.*

Em apenas dois momentos verificamos que as participantes não recebem as respostas simultaneamente as suas intervenções. Um exemplo está nas interações 12, quando se pergunta a respeito de uma pessoa chamada de Beca, sendo que na 14 está a resposta e outro exemplo está na interação 16 e 18, do fragmento acima.

Com um papel fundamental no estabelecimento e manutenção das relações interpessoais estão as estratégias de abertura e fechamento nos *chats*, da mesma forma que na conversação face a face e telefônica. Geralmente, os participantes anunciam sua entrada/saída com um cumprimento/despida dirigido a todos ou a algum interlocutor em específico.

Notamos em alguns bilhetes as seqüências de abertura e fechamento, como podemos comprovar nos exemplos a seguir:

B5.

- (1) *ei garota stress!*
- (2) *ARRÃ! :-/*
- (3) *q e tem estressada?*
- (4) *AH... VARIAS COISAS... TÔ MESMO...*

B14.

- (1) *e ai como vc tá?*
- (2) **em relação a q? ou a qm?**
- (3) *a tudo! Ao coração... a vida...*

B1.

- (25) *XI C VAI VÊ! + SEGUNDA EU TÔ DE VOLTA SE DEUS QUIZÉ!! :-)*
- (26) *vai lá sim Iza, ã se preocupa!*
- (27) *AI AI... TCHAU... EU VÔ NA SUA HOME AS 4:30 +- TÁ BOM?*

B10.

- (18) *Aff, vamo p/ sua casa arrumar, depois p/ ka e depois p/ sua de novo, foi isso q vc quis dizer?*
- (19) *EH... HAHahaha... FOI 1/2 REDUDANTE + O Q IMPORTA É Q VC ENTENDEU! :-/ ENTAUM TAH...*
- (20) *antes q eu me esqueça: PARABÉNS!*
- (21) *BRIGADUUU! AI AI... 16 ANOS... Q HONRA... JÁ POSSO ATÉ VOTAR IUPI :-/ E DAÍ NEH???*
- (22) *eh neh... votar soh se for no Yamato!*
- (23) *AFE... EU Ñ...*
- (24) *tchau... vô fazê prova... bjus até +...*

(25) BOA SORTE. BJUS

Dos bilhetes investigados em apenas dois encontramos formas de cumprimento como estratégias de abertura (B5 e B14) e fechamento (B1 e B10).

Barros (2001: 359) indica que nos *chats* as seqüências de abertura são obrigatórias no início e também comuns ao longo da interação, devido a ausência do contato visual. “Trata-se de uma restrição decorrente do suporte textual, no caso, eletrônico, semelhante às aberturas das conversações telefônicas”. Assim, antes de tudo, os elementos do grupo têm que verificar a presença ou não de seus interlocutores, assim como ao longo da conversa verificar, se preciso, se continuam seguindo as interações, já que é comum a permanência de pessoas, em silêncio, em salas abertas de *chat*.

No caso dos bilhetes analisados, pensamos que as seqüências de abertura e fechamento não são comuns devido ao fato de os interlocutores ocuparem o mesmo espaço físico: a sala de aula. E, portanto, pelo menos um primeiro contato visual e um cumprimento, talvez já tenha acontecido entre eles.

Na verdade, o que se nota nas aberturas dos bilhetes é a grande cumplicidade das escreventes. Vejamos alguns exemplos:

B2

- (1) QUE QUE TÁ PEGANDO???
- (2) *curiô ein colega...*
- (3) FALA, FALA...
- (4) *a mãe do carioca pediu p/ mim combina com o pessoal da sala para fazer uma festa surpresa p/ carioca...*

B7.

- (1) *fala ami, o q ouve? O q de te teclou?*
- (2) AI, AI... Ñ SEI FALAR, C TEM Q LER! É A PÁG... É LINDA ELE COLOCO NO AR PRE U VE! C TEM Q VE... EU TE MANDÔ E.MAIL!

B9.

- (1) COMO A GENTE VAI FAZÊ? DIA 4?
- (2) *eu ñ tenho a minima idéia... ela vai desconfiar se a gente ñ for...*
- (3) Hum, vai nada. Ela é cabeçuda. Eu ainda acho melhor do jeito q falei tal da Nathy ir c/ ela tal sei lá enquanto o Dan e eu vamos p/ casa dela

B10.

- (1) AI AMI... Ñ TEM PROBLEMA Q ELAS TE EXCLUIRAM... EU FALO C/ VC! :-)
- (2) *ah, valeu. É ae, como lah se sentindo com 16 anos? Hehe*
- (3) AH... ENTAUM... Q NEM C/ 15... NORMAL

B11.

- (1) *to de saco cheio desses meninos IDIOTAS!*
- (2) E EU ENTÃO?? PELO AMOR... ELES SÃO MTO CHATOS!
- (3) *aff 1 q ser melhor q o outro!*

B13.

- (1) *e ai? fala*
- (2) fizemos 3 acordos: 1° ñ falar o nome da karlla e nem do Renato... 2° ñ falar c/ qntas pessoas cada um ficou e o 3° ainda está em andamento. Ele acha q eu ñ confio nele...mas ce sabe neh? De pois de tudo o q eu soube... dá medo!!! vai q ñ é verdadeiro o q ele sente por mim

Percebemos que em todos os exemplos as interlocutoras iniciam os diálogos com conhecimentos já partilhados.

Os dados mostram também o uso de expressões como “fala”, “falo” que remetem à possibilidade de simulação de uma conversação espontânea e à imagem que os internautas têm desse tipo de interação.

Acreditamos que o fato de as escreventes se conhecerem contribui para a construção de textos com muitas informações implícitas e cheios de marcas de cumplicidade entre elas.

Um levantamento de tais informações foi feito com base em um dos bilhetes (B9) já exposto anteriormente e foram encontradas várias marcas de informações implícitas que fazem parte do conhecimento partilhado das participantes, dentre elas, a mais recorrente diz respeito aos pronomes que se referem às pessoas conhecidas das escreventes.

O bilhete 9 trata da combinação de arranjos para uma festa surpresa preparada pelas interlocutoras para uma amiga, fato que já mostra a cumplicidade que elas têm. Entretanto, quem o lê só tem a certeza de que se trata de preparativos para uma festa na 8ª interação quando o termo *festa* é mencionado.

B9.

- (1) COMO A GENTE VAI FAZÊ? DIA 4?
- (2) *eu ã tenho a minima idéia... ela vai desconfiar se a gente ã for...*
- (3) Hum, vai nada. Ela é cabeçuda. Eu ainda acho melhor do jeito q falei tal da Nathy ir c/ ela tal sei lá enquanto o Dan e eu vamos p/ casa dela
- (4) *até parece é + facil vc e o dan c/ ela*
- (5) ELA VAI DESCONFIAR... VAI NO CINEMA... COME... TOMA SORVETE... E DEPOIS VOLTA...
- (6) Vixi... mas eu já falei q acho q naum vai dar p/ ela

- (7) *por isso agora vai dah, eu falo q vo e ligo no seu cel qnd vcs já tiverem no shop e falo q ã vou +*
- (8) EU TBM! HEHE :-) DEPOIS A GENTE VAI NA FESTA :-) ÍÍÍHH...

Além disso, em nenhum momento fica claro quem receberá a festa surpresa, apenas sabemos que a pessoa é uma menina, já que aparece muitas vezes o pronome pessoal *ela*. Vários nomes também aparecem na conversação, mas são de pessoas conhecidas das escreventes e que participarão da festa.

Como forma de sintetizar alguns aspectos semelhantes dos bilhetes com os *chats*, resolvemos utilizar o quadro com “parâmetros para identificação dos gêneros no meio virtual”, elaborado por Marcuschi (2004: 34-35), porém com algumas adaptações. Do quadro faremos a exposição apenas dos aspectos já investigados e dos gêneros que interessam à nossa pesquisa, além de incluirmos os bilhetes que constituem o *corpus*.

Parâmetros para identificação dos gêneros no meio virtual

Dimensão	Aspecto	Gêneros em Ambientes Virtuais *			
		1	2	3	4
Relação temporal	Síncrona	+	+	+	+
	Assíncrona	-	-	-	-
Duração	Indefinida	+	+	+	+
	Rápida	0	+	-	-
	Limitada	-	-	-	+
Extensão Do texto	Indefinida	+	+	+	+
	Longa	-	-	+	-
	Curta	+	+	-	-
Formato textual	Turnos encadeados	+	+	+	+
	Texto corrido	-	-	-	-
	Seqüências soltas	0	-	-	-
	Estrutura fixa	-	-	-	-
Participantes	Dois	+	+	+	+
	Múltiplos	+	-	+	+
	Grupo fechado	-	-	+	-
Relação dos Participantes	Conhecidos	-	0	+	+
	Anônimos	+	0	-	-
	Hierarquizados	-	-	-	-
Troca de Falantes	Alternada	+	+	+	+
	Inexistente	-	-	-	-
Função	Interpessoal	+	+	+	+
	Lúdica	+	+	+	+
	Institucional	-	-	+	-
	Educacional	-	-	-	-
Tema	Livre	+	+	+	+
	Combinado	-	-	0	-
	Inexistente	+	-	-	-

Legenda 1: Sinais para marcação dos traços: + = presença; - = ausência; 0 = irrelevância do traço para definição do gênero.

Legenda 2: Para os gêneros listados: (1) chat aberto; (2) chat reservado; (3) chat agendado; (4)* bilhetes que constituem o *corpus*.

O primeiro parâmetro apresentado no quadro trata da relação temporal. Constatamos que em todas as modalidades de *chats* e nos bilhetes, essa relação se dá de maneira síncrona.

O segundo parâmetro diz respeito ao tempo gasto na comunicação. Vemos que a duração de todos os tipos de *chats* é indefinida, uma vez que este aspecto depende da disponibilidade de tempo do participante que, em geral, é livre para iniciar e terminar a comunicação no momento que assim deseje, exceto quando, por problemas técnicos, se perde a comunicação. No caso dos bilhetes, assinalamos também o aspecto da duração limitada, uma vez que pela circunstância em que estão as alunas participantes: interagem sempre no desenrolar de uma aula, imaginamos que não se sintam livres para se comunicarem por muito tempo e podem ser interrompidas a qualquer momento pela intervenção de um professor. Porém, este é um aspecto que não aproxima os bilhetes de nenhuma modalidade de *chat* em particular.

Quanto à extensão do texto, o quadro nos mostra que ela também é indefinida para todos os *chats*, assim como para os bilhetes. Além disso, vemos que o número de participantes das interações pode variar de acordo com o tipo de *chat*. O *chat* reservado é o único que pode ocorrer com a condição de haver apenas dois participantes. Já no *chat* em aberto e no ICQ pode haver participantes múltiplos. O ICQ se diferencia dos demais e se assemelha aos bilhetes por conta das interações acontecerem com grupos fechados e constituídos por conhecidos.

Outros pontos em comum a todos os tipos de *chat* e aos bilhetes são que os participantes tratam de temas livres, que a relação entre eles é interpessoal ou lúdica e que a troca de falantes é alternada.

Dois aspectos, entretanto, não são abordados no quadro, e pensamos serem relevantes já que auxiliam na diferenciação dos tipos de *chat*. São eles: a troca ordenada dos turnos, que acontece no *chat* reservado e nos bilhetes e o acompanhamento do registro simultâneo das interações, que se dá no ICQ e nos bilhetes.

Verificamos, portanto, que em relação a organização e aos participantes, os bilhetes analisados têm aspectos que se aproximam mais ora do *chat* ICQ, ora do *chat* reservado.

Quanto a uma primeira semelhança com o ICQ, temos que os bilhetes são escritos por alunas que se conhecem, que têm afinidades e interagem sobre temas afins, entretanto não estão aptas a acompanharem o registro simultâneo da mensagem do seu interlocutor, que é um aspecto semelhante ao do *chat* reservado. Além disso, tanto na maioria dos bilhetes como nos *chats* reservados, as interações são duais e ordenadas.

Considerando o que já foi exposto a respeito da organização dos *chats* e da relação dos participantes, percebemos que há mais semelhanças do que diferenças entre eles e decidimos, portanto, que a partir de agora trataremos de analisar os bilhetes tendo em vista os *chats* em geral. A distinção entre eles será feita apenas se encontrarmos algum aspecto relevante que os diferencie e que os aproxime mais dos bilhetes.

3.2.4. O envolvimento e a colaboração das participantes na construção dos diálogos

Continuando a análise da estrutura dos diálogos, porém agora dando atenção a alguns aspectos de sua construção, mostraremos com o exemplo a seguir que nas interações

há também o envolvimento e a colaboração dos envolvidos no diálogo, no que diz respeito ao redirecionamento do texto a partir de suas reações.

B14.

- (1) *e aí como vc tá?*
- (2) **em relação a q? ou a qm?**
- (3) *a tudo! Ao coração... a vida...*
- (4) **ao coração_ to mto chateada_ mto ã_ biper super mega chateada c/ o Lucas_ briguei ontem c/ ele_ disse q achei ridiculo da parte dele pedir um tempo por e-mail_ ele estava me tratando mto mal_ ele falou um negócio da Bia_ daí ã aguentei falei p/ ele ficar c/ ela msm_ pq cansei disso_ e falei tbm q se ele quiser falo isso pessoalmente!**

Nesse exemplo a interlocutora 1 (L1) inicia a conversa com uma pergunta para a interlocutora 2 (L2), que entretanto não a responde. Isso talvez ocorra por falta de compreensão e, por isso, faz outra pergunta pedindo a L1 que explique melhor a primeira pergunta. L1 atende ao pedido de L2 e esta finalmente responde.

A continuação do diálogo mostra o acesso imediato às reações da interlocutora:

- (5) *fora isso lah tudo bem?*
- (6) **a partir de hoje estou fechada p/ balanço!**
- (7) *ã fica assim ã! Essas coisas acontecem... agora ã acho q vc tem que fechar p/ balanço... procura alguém...*
- (8) **vou ficar na minha se aparecer btz!**
- (9) *tbm acho, alias procura o Manu, Rafa, hahaha... zueira*
- (10) **C TAH MALUCA! NEM SONHA!**

- (11) *sei sim viu? Vc é zonada por de vai, confessa*
- (12) **HAHAHAHAHA! Nathali vou ficar muuuuito chateada c/ vc... se continuar assim nem vou almoçar na sua casa Quinta (hehehe eh zueira... msm se a gente brigar eu vou comer na sua casa)**
- (13) *mas é lógico... vc ã ia passa fome! Bem q eu já desconfiava q vc soh queria comer em casa msm...!*
- (14) **Amizade serve p/ qe? P/ alimentar literalmente nosso interior**
- (15) *eu sempre soube dos seus interesses mesmu!*

A partir da reação da interlocutora, há um redirecionamento da conversa, acarretando em mudança de tópico. Percebemos que o tópico “falar do coração” desencadeia, a partir da reação de L2, os subtópicos “almoçar” e depois “amizade”.

Como vimos as reações dos interlocutores podem gerar mudanças de tópico e são conseqüências do envolvimento dos participantes no diálogo. Estes três aspectos são típicos da conversação face a face e estão presentes também nos *chats*. Entretanto, na conversação face a face há várias outras formas que mostram o envolvimento e a colaboração dos participantes.

Podemos afirmar que o envolvimento dos participantes é muito maior na conversação face a face pelo fato, como lembra Hilgert (2001: 35), de os interlocutores acompanharem passo a passo o processo de construção dos enunciados, com todos os seus desvios, interrupções, reinícios, hesitações, repetições e correções. Segundo o autor, para mostrar o seu envolvimento e colaboração na conversação, o interlocutor quando ouvinte fornece “feedbacks” ou como denomina Marcuschi (1986: 68) “sinais do ouvinte”, quanto ao interesse que as considerações do seu interlocutor estão despertando. Hilgert separa os *feedbacks* em lingüísticos (certo, concordo, sei de fato), paralingüísticos (mhm, ahã) e extralingüísticos (gestos, mímicas, sorrisos).

Em relação aos bilhetes analisados, constatamos que esses *feedbacks* não ocorrem neles como na conversação face a face, devido à falta do contato visual. No entanto, notam-se algumas estratégias de verbalização, que verificaremos no próximo item.

3.2.5. Estratégias de verbalização

No ato comunicativo face a face muito se transmite involuntariamente com os elementos paralingüísticos como os gestos, as expressões de rosto e até mesmo o tom da fala, expresso pela prosódia. Na comunicação virtual síncrona, as informações não-verbais são selecionadas e transmitidas conscientemente. Alguns recursos são usados como tentativa de preenchimento das lacunas da comunicação não-verbal.

A) Repetição de caracteres

Uma forma muito comum de reproduzir a prosódia nos *chats* e encontrada nos bilhetes é a repetição de caracteres. Para ilustrar, mostramos os exemplos encontrados nos B2, B7 e B14.

B2.

- (1) QUE QUE TÁ PEGANDO???
- (2) *curiô ein colega...*
- (3) FALA, FALA...
- (4) *a mãe do carioca pediu p/ mim combina com o pessoal da sala para fazer uma festa surpresa p/ carioca...*
- (5) AFE!!!! QUE CREDO!!!!!!!!!! QND???
- (6) *amanhã niver dele...*

- (7) AFE Q Credo! PERTO DO MEU!!!!!!!!!!!!
- (8) *pois é vc vê... ambos os 2... e vai se no cyber q é perto de casa...*
- (9) NO CYBER DA MÃE DELE???
- (10) *é vai ser lá...*

B7.

- (5) *nossa mi, q linda! O Ca foi lá em casa ontem!*
- (6) HUMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMM! QUI LIGILI (LATIM = QUE LEGAL) HAHA...
E AÍ? O Q ROLOU?
- (7) *terminamos ludo!*
- (8) Ã???????? :-/ PELO AMOR DE DEUS AMI! O QUE??????

B14.

- (11) *sei sim viu? Vc é zonada por de vai, confessa*
- (12) **HAHAHAHAHA! Nathali vou ficar muuuuito chateada c/ vc... se continuar assim nem vou almoçar na sua casa Quinta (hehehe eh zueira... msm se a gente brigar eu vou comer na sua casa)**

No B2 encontramos repetições de sinais de pontuação, assim como no B7, onde também há a repetição de consoantes. Estas são estratégias que refletem tentativas de simulação da prosódia utilizadas com a intenção de reproduzir a entonação, o tom emocional do escrevente. No B14 há um exemplo de alongamento vocálico também com a mesma função já descrita e diferente do que ocorre, por exemplo, na fala prototípica cujos alongamentos vocálicos, de natureza fática, freqüentemente são usados com a finalidade de sustentar pausas, ganhar tempo na seleção lexical ou simplesmente não perder o turno.

B) Letra em caixa alta

Uma outra estratégia utilizada para reproduzir aspectos prosódicos é o tipo de letra (caixa alta), que pode marcar a intensidade emocional da fala do interlocutor (B1 e B3) ou chamar a atenção, como se o interlocutor estivesse gritando (B6).

B1.

- (12) *calma iza! Nã se preocupa ã vai acontecer nada isso é uma defesa psicológica, todo mundo fica assim qnd tá chegando o aniversário!*
- (13) HÁ, HÁ... AÍ EU NÃO QUERO IR + BLZ... EU TÔ PURI STRESS AMI... AI QUE INFERNO! :-O
- (14) *1, 2, 3... respira ami, aproveita q vc vai e se divertir, só vc vai sair perdendo se ã se divertir...*

B3.

- (1) ÍÍÍÚÚPI! UEBA!
- (2) *papel papel : -)*
- (3) ÍÍÍHH, ENTAUM... SERÁ Q ELES VAUM BJÁ ALGUEM ESSE FDS? :-)
- (4) *acho meio difícil e vc?*
- (5) Ñ SEI! VAI Q APARECE IMA BUNITINHA :-)

B6.

- (1) BUUUÁÁÁ :-)(NINGUÉM QUÉ BRINCÁ CUMIGU! :-)(
- (2) *ã é verdade eu sempre quero brincá com vc... mudando de assunto o Renato tá ½ viado com essa roupa?*
- (3) ELE TÁ ½ ??? ELE TÁ INTEIRO... BUÁ...
- (4) *para de chora eu te amo!*

- (5) BU...TÁ...Á...BOM...EU... JÁ... IN... TEN... DI... ! BUÁÁ! :'-(-
- (6) ENGOLE ESSE CHORO! AGORA!
- (7) TÁ BOM... SNIF! :'-(-
- (8) *vamu fala sobre o q agora?*

Em todas essas passagens fica evidente a tentativa de se registrar a expressividade da modalidade falada por escrito. É como se os interlocutores quisessem imprimir o “falar mais alto”, o “gritar”.

C) As reticências

Os próximos exemplos apontam para o uso de reticências numa tentativa de simulação de pausas e hesitações tão comuns numa conversação face a face. Tal prática, porém, nem sempre é regular. As seqüências de pontos revelam também a consciência da segmentação sintática na construção do enunciado, substituindo o que, num texto prototipicamente escrito, seria representado por uma vírgula, ponto ou ponto e vírgula.

B9.

- (4) *até parece é + facil vc e o dan c/ da*
- (5) ELA VAI DESCONFIAR... VAI NO CINEMA... COME... TOMA SORVETE... E DEPOIS VOLTA...

B13.

- (1) *e ai? fala*
- (2) fizemos 3 acordos: 1° ñ falar o nome da karlla e nem do Renato... 2° ñ falar c/ qntas pessoas cada um ficou e o 3° ainda está em andamento... ele acha q eu ñ confio nele...mas ce sabe neh? De pois de tudo o q eu soube... dá medo!!! vai q ñ é verdadeiro o q ele sente por mim

No primeiro exemplo, (B9) as reticências poderiam ser substituídas respectivamente por ponto, vírgula, vírgula e ponto. Assim, teríamos:

- (5) “Ela vai desconfiar. Vai no cinema, come, toma sorvete e depois volta”.

No segundo exemplo (B13) as reticências poderiam ser substituídas, respectivamente, por vírgula, ponto, vírgula e vírgula. Teríamos:

- (2) “Fizemos 3 acordos: 1° ñ falar o nome da karlla e nem do Renato, 2° ñ falar c/ qntas pessoas cada um ficou e o 3° ainda está em andamento. Ele acha q eu ñ confio nele, mas ce sabe neh? De pois de tudo o q eu soube, dá medo!!! vai q ñ é verdadeiro o q ele sente por mim”.

D) As formas onomatopaicas

As onomatopéias são palavras que quando pronunciadas imitam o som natural da coisa significada, como um murmúrio, um chiado, um espirro, etc. Essas formas são iniciativas criativas dos interlocutores, que fazem parte dos recursos típicos da escrita e que são encontradas tanto na conversação pela Internet como nos bilhetes. Os exemplos abaixo ilustram essas formas.

B2.

- (19) É + FAZÊ O QUE? Ñ ESKECE DE SEPARAR AS FOTOS??

(20) *blz... ñ vô esquece...*

- (21) C AMANHÃ VC CHEGA AQUI 100!!! POSSO ARRANCAR SEUS CANINOS???

(22) *PODE*

- (23) óóóó!...

B5.

- (5) *q foi ami? 2 aconteceu? Conte-me seus [problemas]*
- (6) AH SEI LAH UM MONTE DE COISA.... INDA P/ PIORA TÔ I-FANHA,
2- ESPIRRANDO, 3- NARIZ ESCORRENDO, 4- MAL EM MAT, 5- PROVA,
6- TRABALHO, 7- AS PESSOAS Q ME IRRITAM!
- (7) *me explica melhor o item 2 e 7*
- (8) 2??? ESPIRRANDO... AAATCHIM! 7- AH... VARIAS PESSOAS TBM!

B6.

- (1) BUUUÁÁÁ :'-(NINGUÉM QUÉ BRINCÁ CUMIGU! :'-(
- (2) *ñ é verdade eu sempre quero brincá com vc... mudando de assunto o renato tá ½ viado com essa roupa?*
- (3) ELE TÁ ½ ??? ELE TÁ INTEIRO... BUÁ...
- (4) *para de chora eu te amo!*
- (5) BU...TÁ...Á...BOM...EU... JÁ... IN... TEN... DI... ! BUÁÁ! :'-(
- (6) *ENGOLE ESSE CHORO! AGORA!*
- (7) TÁ BOM... SNIF! :'-(

B14.

- (11) *sei sim viu? Vc é zonada por de vai, confessa*
- (12) **HAHAHAHAHA! Nathali vou ficar muuuuito chateada c/ vc... se continuar assim nem vou almoçar na sua casa Quinta (hebehe eh zueira... msm se a gente brigar eu vou comer na sua casa)**

E) Os emoticons

O uso de “caracteretas” ou *emoticons* é mais um recurso utilizado para demonstrar reações e sentimentos e que as vezes substituem também as expressões onomatopaicas. Por

exemplo, quando se usa o emoticon :'-) , que simboliza alguém chorando, substitui-se também o som do choro, ou seja a onomatopéia BUÁÁ ou SNIF. Muitas vezes também os *emoticons* acompanham as onomatopéias, como podemos constatar em exemplos anteriores.

Nos bilhetes, vários *emoticons* foram encontrados. Vejamos alguns deles e suas funções:

B1.

(8) *vc tá insegura... vc tá c/ mal pressentimento!*

(9) É ISSO MESMO! EU Ñ GOSTO DE TER ISSO :-)

B3.

(3) ÍÍÍHH, ENTAUM... SERÁ Q ELES VAUM BJÁ ALGUEM ESSE FDS? :-)

(4) *acho meio difícil e vc?*

(5) Ñ SEI! VAI Q APARECE IMA BUNITINHA :-)

B10.

(8) *hehe, legal! Vamos cantar [Parabéns] vc vai Ter sua seção mico, hauhauhau c/ qm será q a Iza vai casar?...*

(9) AH Ñ NATHY... EU Ñ QUERO "PARABÉNS". .. :-)

B12.

(2) *tão gostoso qnt espetinho de fígado! Húúú...*

(3) AH... Ñ FALA ISSU Ñ... EU GOSTO DO TAL DO FÍGADO! :-)

(4) *fala sério Izabela!*

(5) SÉRIO!

(6) *ai q nojo Iza!*

Todos estes exemplos mostram uma expressão carrancuda. É sinal de que o interlocutor não gostou de alguma observação (B10 e B13) ou está triste (B1 e B3).

B1.

(12) *calma iza! Nã se preocupa ã vai acontecer nada isso é uma defesa psicológica, todo mundo fica assim qnd tá chegando o aniversário!*

(13) HÁ, HÁ... AÍ EU NÃO QUERO IR + BLZ... EU TÔ PURI STRESS AMI... AI QUE INFERNO! :-O

(20) *fala sério... tio mano me leva e ã bras de volta hahaha*

(21) HAHAHA... PÚ FAVÔ NEH! TIO MANO TA PURO STRESS! :-O

(22) *por isso mesmu... vou e fico assim de vai ter PAZ!*

Este símbolo :-O revela que há problemas à vista. E percebemos pelo contexto do diálogo que este é realmente o significado que se quer dar com este símbolo. Vemos, por exemplo, que na interação (12) a interlocutora tenta acalmar a amiga que pensa ter problemas.

B1.

(25) XI C VAI VÊ! + SEGUNDA EU TÔ DE VOLTA SE DEUS QUIZÉ!! :-)

(26) *vai lá sim Iza, ã se preocupa!*

B3.

(1) ÍÍÍÚPI! UEBA!

(2) *papel papel :-)*

B9.

- (7) *por isso agora vai daí, eu falo q vo e ligo no seu cel qnd vcs já tiverem no shop e falo q ã vou +*
- (8) EU TBM! HEHE :-) DEPOIS A GENTE VAI NA FESTA :-) ÍÍÍÍH...

O sentimento de alegria é demonstrado nestes exemplos com o símbolo :-)

B3.

- (10) *com certeza eles ã resistirão...uhahaha*
- (11) UHAHAHA! AI Q BABACA! :-/

B9.

- (20) *antes q eu me eskça: PARABÉNS!*
- (21) BRIGADUUU! AI AI... 16 ANOS... Q HONRA... JÁ POSSO ATÉ VOTAR IUPI :-/
E DAÍ NEH???

O sinal :-/ representa a indiferença do interlocutor. Percebe-se na interação (21), por exemplo, que a expressão *e daí neh???* reforça este sentido.

B6.

- (1) BUUUÁÁÁ :'-(NINGUÉM QUÉ BRINCÁ CUMIGU! :'-(
(2) *ã é verdade eu sempre quero brincá com vc... mudando de assunto o renato tá ½ viado com essa roupa?*
- (3) ELE TÁ ½ ??? ELE TÁ INTEIRO... BUÁ...
- (4) *para de chora eu te amo!*
- (5) BU...TÁ...Á...BOM...EU... JÁ... IN... TEN... DI... ! BUÁÁ! :'-(
(6) *ENGOLE ESSE CHORO! AGORA!*
- (7) TÁ BOM... SNIF! :'-(
(8) *EU TBM! HEHE :-) DEPOIS A GENTE VAI NA FESTA :-) ÍÍÍÍH...*

Neste fragmento fica evidente que o símbolo :-(- indica alguém chorando.

B10.

- (5) EH... ELE LIGO... NA VERDADE EU Ñ OUVI NDA DO QUE ELE FALO... ELE FALA MTO BAIXO E DAÍ EU SOH FUI FALANDO BRIGADO E TAH BOM... HEHE... E SE ELE FALO: -QUERO TERMINÁ TUDO... (BRIGADO) EU Ñ QUERO + VC (TAH BOM) TÔ FERRADA... :-/
- (6) *ah lah, claro q ele falou isso, hehe... vai Ter festinha, iupi! Viva! Viva! Im vai na sua festa q eu conheça? Soh a gente? :-D*

Neste último exemplo um interlocutor ri do outro.

A falta de contexto nas interações (a ausência física dos participantes balançando a cabeça, acompanhando o olhar ou mostrando suas reações e sentimentos) faz com que os *emoticons* tenham um papel bastante importante. São de grande efeito contedístico, embora sejam ícones simples.

Estudando os sistemas de escrita, Sampson (1996: 32) denomina o sistema icônico como “sistema motivado”. Para explicá-lo, o autor utiliza um exemplo de uma frase em inglês: *The cat walked over the mat.*, porém representada por figuras. Os grafes das palavras *cat* e *mat* são claramente motivados, já que se parecem com uma cabeça de gato e um capacho, ou seja há uma relação natural entre esses grafes e as unidades da língua falada. No caso dos *emoticons*, também concordamos que, em geral, são motivados, já que ao lermos as interações com uma carinha ☹, por exemplo, conseguimos interpretar o sentimento de tristeza que o interlocutor quer passar. Já o símbolo ☺ é motivado, porém dentro do contexto da interação, pois este ícone pode denotar vários sentimentos, como a alegria, a ironia, o sarcasmo.

F) As abreviaturas

Em relação aos aspectos do léxico, uma das marcas mais evidentes nos bilhetes e comuns nos *chats* são as abreviaturas. Jonsson (1997: 23) afirma que o gênero ICQ contém menos *emoticons* e imagens de uma maneira geral e apresenta muito mais abreviações que vão se tornando convencionais entre o grupo. Percebemos que nos bilhetes acontece o mesmo: a quantidade de abreviações é muito superior a quantidade de *emoticons*.

As abreviações consistem num conjunto de letras, no qual ao menos o falante nativo da língua reconhece imediatamente a palavra em questão. Sabemos que usar abreviaturas não é um procedimento moderno, encontramos vários registros de abreviaturas em documentos medievais. Spina (1977) mostra que em tais documentos havia um abuso do uso das abreviaturas, o que dificultava a leitura, por isso:

nos séculos XII e XIII várias disposições foram baixadas com o intuito de conter o mal. O abuso começou a diminuir à medida que se implantava a utilização da letra cursiva, que não permitia a profusão das abreviaturas; entretanto no Renascimento, quando na sua fase inicial a imprensa procurava imitar os tipos caligráficos da Baixa Idade Média, o hábito das abreviaturas continuou, a ponto de, para as obras jurídicas, serem até publicadas tábuas especiais para leitura das siglas.

Houaiss (1967: 122) define as abreviações como “braquigramas de valor circunstancial, variável de obra para obra, de autor para autor, em função da freqüência de certos vocábulos empregados, **reduzidos por economia, em geral.**”¹³

A economia é um dos princípios constantes dentro do sistema de abreviações citado na obra de Houais (1967: 122) várias vezes. Na verdade, é o segundo princípio:

“2°) abrevia-se economicamente e não por amor da abreviação; noutros termos usar da abreviação “pag.” por “pago” é algo sem sentido, pois tipograficamente, ao menos, compor “pag.” é o mesmo que compor “pago”.”.

Segundo o autor, a abreviação deve ser uma “economia para o óbvio e frequente.”.

¹³ Grifo nosso

Em relação ao sistema de abreviaturas moderno, já mencionamos que Jonsson (1997: 19), baseando-se em Rintel e Pittam (1997: 524), sugere que para as abreviações deve-se “usar a menor forma fonética equivalente de uma palavra e a mais fácil de se digitar”¹⁴, e cita como exemplo “lo” para “Hello” e “how r u” para “How are you?”.

Em nosso *corpus*, identificamos as seguintes abreviaturas: *pq* (porque), *q/qe* (que), *p/* (para ou pra), *ñ* (não), *qm* (quem), *c/* (com), *tb/tmb* (também), *hj* (hoje), *blz* (beleza), *tc* (teclar), *qdo/qnd* (quando), *qto/qnt* (quanto), *qq* (qualquer), *td* (tudo), *mto* (muito), *msm* (mesmo), *fds* (fim de semana), *nd* (nada), *kd* (cadê), *vc/c* (você).

O fragmento abaixo ilustra o último exemplo de abreviatura que expusemos: as duas variantes do pronome *você* abreviado. Vejamos:

B1.

(6) *há há... eu sei como é q é! C táh c/ medo de perder mi... q
bunitinhu...*

(7) AH! Ñ TÔ CUM MEDO! EU Ñ SEI O Q É... SEI LÁ Ñ É SÓ POR ISSO! É ALGUMA
COISA Q EU Ñ SEI O Q É!

(8) *vc lá insegura... vc lá c/ mal pressentimento!*

(9) É ISSO MESMO! EU Ñ GOSTO DE TER ISSO :-)

As variantes *c* e *vc* são encontradas em todos os bilhetes. Na gramática histórica de Coutinho (1958), temos a explicação de que o pronome da segunda pessoa *você* era antigamente tratamento de respeito *Vossa Mercê*. A evolução deve ter sido a seguinte: *Vossa Mercê* > *Vossemecê* > *Vosmecê* > *Você*. E atualmente é muito comum notar na fala coloquial a forma *Cê* (*Você* > *Cê*), registrado nos bilhetes apenas como *C*. Por outro lado, a variante *Vc* representa *Você* (forma encontrada na fala, mas que representa sobretudo o padrão gráfico da escrita) e, com este registro, parece-nos que as interlocutoras, embora

¹⁴ Cf. original: “use the shortest, easiest-to-type, ‘phonetic’ equivalent of a word”.

abusem de usos lingüísticos típicos da modalidade falada, encontram-se, às vezes, presas à modalidade escrita. Porém, não podemos esquecer que nenhuma das formas *C* e *Vc* são registros padrão da escrita, e sim formas abreviadas típicas da linguagem usada nas interações síncronas virtuais.

Creemos que o princípio da economia também rege o sistema de abreviações moderno. Em momentos anteriores de nosso estudo, já afirmamos que estratégias que proporcionam a rapidez nas interações nos *chats* são muito importantes, porque as aproximam da conversação face a face, no que diz respeito ao dinamismo das conversas. Reforçamos esta afirmação ao tratar, agora, do uso da abreviações. Jonsson (1997: 13) confirma a importância de se tornarem rápidas as interações nos *chats*. Segundo a autora, “para manter o ritmo frenético das múltiplas interações, a digitação deve ser um processo quase automático. Às vezes, o ritmo do discurso eletrônico no IRC corresponde literalmente a velocidade da língua falada”. E ainda “usando abreviaturas e acrônimos, os usuários compensam o fato de não ser possível falar rápido” (p.13).

Com a citação acima, percebemos que Jonsson trata das interações ocorridas nos *chats* abertos, onde muitas pessoas interagem ao mesmo tempo e atribui a este fator a necessidade de rapidez. No caso dos bilhetes, vemos que o motivo não seria exatamente o mesmo explicado pela autora, já que as interações acontecem entre apenas dois ou três participantes. Creemos que o que diz Murphy e Collins (1997: 7) a respeito do assunto em questão se aproxima mais do que pensamos ser o motivo dos usos de formas que imprimem um caráter mais veloz às interações nos bilhetes analisados. Os autores acreditam que “o fato de usuários de comunicação escrita síncrona passarem freqüentemente muitas horas conversando (digitando) faz com que surjam convenções comunicativas em diversas formas, incluindo até frases abreviadas (exemplo: *btw = by the way*)”.

Parece-nos que as abreviaturas nos bilhetes, além de imprimirem um caráter mais veloz às interações, revelam-se também um caso de empréstimo de algumas convenções usadas nos *chats*. Não nos esqueçamos de que as participantes dos bilhetes fazem parte do grupo de alunos pesquisados através de um questionário a respeito dos hábitos dos alunos

em relação à Internet e à escrita, do qual já tratamos em outro momento de nosso estudo. Pensamos ser importante exibirmos novamente alguns resultados de tal pesquisa:

100% dos alunos consideram o computador como parte integrante do seu cotidiano;
52,5% utilizam o computador todos os dias por aproximadamente 3 horas diárias;
85% conversam com pessoas nas salas de bate-papo ou ICQ.

Com os dados acima, percebemos a intimidade dos alunos com o computador e a grande freqüência deles nas salas de bate-papo. Por isso, supomos que não seria difícil ocorrer a transferência de formas típicas da linguagem dos *chats* para os bilhetes. Entretanto, não queremos dizer com isso que esta transferência seja involuntária, ocorrida apenas como uma influência de um tipo de linguagem muito usada entre os jovens. Ao contrário, acreditamos que o uso de tais formas é consciente e a intenção é a de se conseguir ficar o mais próximo possível de situações de conversação natural.

Encontrar o motivo pelo qual se deseja imprimir um caráter falado a essas interações escritas, aproximando-as da conversação face a face não é tarefa fácil e também não é nossa intenção encontrá-lo. Acreditamos que este trabalho estaria mais ligado a área de Psicologia. Zaremba, Romão-Dias e Nicolaci-da-Costa (2002: 98) escreveram na revista Psicologia, Ciência e Profissão que o “caráter interativo” da Rede proporciona “prazer” aos usuários.

Talvez este também seja o motivo de nossas participantes dos diálogos tentarem registrar nos bilhetes uma grande quantidade de recursos que possibilitam aproximá-los das conversações face a face. Imagina-se que o fato de estarem em uma sala de aula impossibilita tornar real o desejo de se conversar livremente a respeito de tantas descobertas, frustrações, etc, típicos dos adolescentes em geral. Portanto, uma “solução” para suprir esta necessidade poderia ser a escrita destes bilhetes.

G) Outras grafias peculiares encontradas nos bilhetes

Algumas grafias peculiares como palavras sem acento, ou sem “ç” e nomes próprios em minúscula são muito comuns nos *chats* e também foram encontradas nos bilhetes.

Vejam os:

B1.

(14) EU NUNCA ME DIVIRTO LAH! EU NAUM GOSTO DE SAIR LAH... EU FINJO BEM PRA CARAMBA... EU...

(16) *entoum sai, se distrai, aproveita q tah eh sossegado e aproveita p/ pensar em tudo o q tah acontecendo.*

(17) AH! O PROBLEMA É SAIR C/ QUEM A NATHALIA É CHATO SAIR COM ELA E O NAMO... E A CASSIA... ELAS TE TIRAM DA RODA... Ñ TE ENTURMAM, SAEM C/ ROUPAS CHIQUES EU Ñ GOSTO DISSO :-/

B4.

(5) *eu llm... onde vc treina Segunda?*

(6) NA MUSCULACÃO SOH!

(7) *em Atino?*

(8) eh!

(9) *entoum a gente podia ir 2! Já que o animal nem avisou a tia, nem minha mãe, nem a sua...*

(10) TAH TUDO ÓTIMO ASSIM! ASSIM EU DURMO

B8.

(7) A Isabella! Eu já falei pega a “seção” das 4 ué! pera q eu vô perguntá p/ meu pai!

(8) perguntar o q? tah, a gente dah as coisas p/ Isa

B9.

(18) eu falar? Ah naum fala vc agora. Ano passado fui eu jah! Tenho vergonha

(19) *eu vou ver se falo com ela.*

B10.

(16) *Naum, vou me trocar na casa da Ka... depois eu volto*

(17) CS VAUM LAH DEPOIS VAUM P/ CASA DPOIS VAUM PRA LÁ???

O registro de palavras como *tah, lah, naum*, etc, nos *chats*, pode ser consequência de programas que não permitem que se acentuem palavras. Porém, mesmo agora com programas que já permitem os acentos, notamos grande quantidade de palavras não acentuadas. Observamos, no entanto, a tentativa de se reproduzir o som aberto através do *h* e o som nasalizado com o emprego de *m*, (*lah, eh, tah, dah, jah, naum, entaum, vaum*). Nos *chats*, isso acontece por uma questão de facilidade e necessidade de rapidez. Teclar mais uma letra é mais fácil que acentuar uma palavra, já que às vezes é necessário apertar duas teclas para conseguir um acento. Porém, entendemos que, nos bilhetes, esse uso não tem como objetivo a rapidez, e sim, como já discutimos, parece ser mais um empréstimo de formas tão populares entre os jovens que freqüentam os *chats*. O que encontramos no *corpus*, na verdade, é uma mescla de palavras ora com acento, ora sem (*lá, lah*, etc.).

Outras características da língua falada típicas das conversações dos *chats* foram encontradas nos bilhetes, como:

a) a aférese, que significa a redução de fonemas no início da palavra:

tá por *está*

B11. (30) NDA... C TÁ MEIO DE COSTAS P/ O MUNDO...

tava por *estava*

B3. (19) EU *TAVA* FALANDO SOBRE ISSO C/ O K ONTEM!

pera por *espera*

B8. (7) A Isabella! Eu já falei pega a "seção"
das 4 ué! pera q eu vô perguntá p/ meu pai!

xonada por *apaixonada*

B14. (11) *sei sim viu? Vc é xonada por ele vai, confessa*

to por *estou*

B11. (9) *ai to estressada! Qualquer coisa me irrita!*

Neste exemplo, ocorre também o fenômeno da aférese, como já vimos anteriormente.

b) a apócope:

vô por *vou*

esquece por *esquecer*

B2. (20) *blz... ã vô esquece...*

coloco por *colocou*

B7. (2) AI, AI... Ñ SEI FALAR, C TEM Q LER! E A PÁG... É LINDA ELE COLOCO NO
AR PREU VE! C TEM Q VE... EU TE MANDO E.MAIL!

ligo por *ligou*

falo por *falou*

B10. (5) EH... ELE LIGO... NA VERDADE EU Ñ OUVI NDA DO QUE ELE FALO... ELE

FALA MTO BAIXO E DAÍ EU SOH FUI FALANDO BRIGADO E TAH BOM... HEHE... E SE ELE FALO: -QUERO TERMINÁ TUDO... (BRIGASO) EU Ñ QUERO + VC (TAH BOM) TÔ FERRADA :-/

fazê por fazer

B4. (4) EU Ñ SEI... ESSE ANIMAL Ñ ATENDIA O TEL EU Ñ SEI O QUE É PRA FAZÊ TEM MTA COISA GRAVADA MAIS EU QUERIA IR P/ MINHA CASA

corrê por correr

B5. (14) AH TÁ... A BIA É OUTRA... CANSEI MEU Ñ VÔ CORRÊ ATRÁS! AH CHEGA STRESSA MSM Ñ TO NEM AÍ!

vamo por vamos

B10. (18) *Aff, vamo p/ sua casa arrumar, depois p/ ka e depois p/ sua de novo, foi isso q vc quis dizer?*

mala por malas

B3. (40) *um bando de mala juntas! Aeroporto!*

A lista de palavras que sofrem a apócope seria muito grande se colocássemos, realmente, todas as encontradas no *corpus*. Portanto, escolhemos apenas algumas para ilustrar esse fenômeno. Podemos notar que a maioria pertence a uma mesma classe de palavras, são verbos, que ou perdem a vogal *u* quando conjugados na terceira pessoa do singular, ou perdem o *r* do infinitivo ou o *s*, que é a marca do plural. A perda do *s* também acontece com substantivos. Todas essas reduções são muito recorrentes na fala.

c) a redução de ditongo:

troxa por trouxa

B14. (22) **KABÔ ASSUNTO! PROPAGANDA: KARLLAA.Weblogger.com.br**
MTO TROXA! TO BRAVA!

Permutas de ordem gráfica, comuns nos *chats*, também foram encontradas nos bilhetes. Por exemplo: ao invés de digitar ou escrever “acho”, escreve-se “axo”. Esse tipo de permuta, além de uniformizar o sistema fonético consonantal, favorece a rapidez na digitação de mensagens, pois “acho” possui quatro letras e “axo”, somente três.

As permutas podem ser:

- com letras:

B4. (3) *só pra saber! Tem bastante coisa, o q vc axou?*

- com números:

B2. (11) LÁ, LÁ, RI... 100 ASSUNTO ONDE É SEU DENTISTA?

- com símbolos matemáticos:

B6. (16) *ai ai... isso já é d + ! Vamos parar*

Também se encontra muito a permuta de grafema em sílaba final, ou melhor, em posição fraca, que conhecemos por processo de assimilação, fenômeno muito comum na fala:

B1. (6) *há há... eu sei como é q é! É tah c/ medo de perder mi... q bunitinho...*

B2. (26) *a é mesmu eu esqueci...*

B3. (33) HAHA... VAMU TODU MUNDU COMÊ NO MEC

B8. (9) É ué! C ele me leva aí eu vo arrumandu
tudu c/ a Kroll!

B11. (22) NATHALI, CALMA AI... C FICO STRESSADA C/ NEGÓCIO LÁ DO LD Q SUA
IRMÃ FALO??? É ISSU???

Todas essas e outras grafias peculiares encontradas na escrita dos bilhetes fazem com que ela se aproxime do discurso oral. A seguir, discutiremos a relação fala-escrita e os bilhetes.

3.3 O contínuo fala-escrita, o gênero *chat* e os bilhetes

Como afirmamos na introdução, tínhamos como objetivo refletir sobre a relação fala e escrita na linguagem usada nos bate-papos em aberto e também nos bilhetes que compõem o *corpus* deste trabalho. Entre todas as características levantadas e apontadas desses dois gêneros textuais, destacamos uma das mais marcantes: o alto grau de informalidade. Porém, essa é uma característica que não faz com que essas comunicações se aproximem mais da fala ou da escrita, já que há, tanto gêneros orais que não possuem essa característica, como o discurso acadêmico, como há gêneros escritos marcados pela informalidade, como as cartas familiares.

Percebemos que a exploração dos recursos do computador permitem uma série de inovações comunicativas criativas, como o uso dos *emoticons*, que acelera o ritmo da produção textual, além de imprimir um caráter mais emotivo à mensagem, fazendo com que, em relação a esse aspecto, ela se aproxime mais da oralidade.

No entanto, acreditamos que o fator que determina uma maior aproximação dos bate-papos em aberto com a oralidade é o uso do tempo real. Isso faz com que possamos tratá-la como uma linguagem escrita não-monitorada, não submetida a revisões ou

correções, como acontece numa conversação face a face. Nas palavras de Marcuschi (2004: 63), a linguagem dos *chats* “é uma linguagem em seu estado natural de produção”.

Não temos dúvidas de que a linguagem usada nos bate-papos é escrita, porém com um novo formato e numa relação mais íntima com a oralidade. Na opinião de Noblia (1998: 25-27), “essa linguagem mescla conversação com língua escrita”. E a autora afirma ainda que “os *chats* são conversações espontâneas reproduzidas através da escrita”¹⁵. Apesar, de não concordarmos inteiramente com essa afirmação que pensamos ser exagerada, uma vez que em conversações espontâneas temos elementos paralingüísticos e a presença física do interlocutor, difícil de ser substituída por elementos lingüísticos, consideramos válida sua contribuição quando afirma “que a comunicação do *chat* é escrita, mas devido ao seu aspecto síncrono, suas interações, no geral, não são elaboradas, como acontece em outros tipos de texto escrito”. É em relação a esse aspecto que a autora considera o *chat* uma conversação espontânea.

◀ A respeito dos bilhetes analisados, constatamos que eles possuem muitas características dos *chats*. São marcados por um alto grau de informalidade e pela presença de abreviaturas e *emoticons*. Além disso, possuem um caráter interativo, da mesma forma que os bate-papos e a conversação face a face.

. Tendo em vista o *continuun* tipológico de gêneros textuais falados e escritos proposto por Marcuschi (2001), acreditamos que os diversos tipos de bate-papo pela Internet, assim como os bilhetes estudados, ocupariam uma posição intermediária em relação à fala e à escrita, já que, conforme analisamos, são produções escritas que reproduzem estratégias da língua falada.

¹⁵ Cf. original: “Chats are spontaneous conversations carried out in writing.”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos este trabalho, cremos ser importante retomar as questões e hipóteses iniciais que nortearam a presente investigação. Dois grandes objetivos orientaram esta pesquisa. O primeiro deles consistiu em observar algumas propriedades que caracterizam a linguagem dos *chats* como um gênero emergente que mescla características das modalidades orais e escritas. Quanto ao segundo, consistiu em verificar se as propriedades da linguagem dos bate-papos virtuais estavam presentes em nosso *corpus*, constituído de bilhetes escritos por adolescentes em sala de aula.

· Vimos que novas tecnologias, especificamente às ligadas às mídias interativas, propiciam o surgimento de novos gêneros textuais que, ao reunirem em um só meio som, imagem e escrita, possibilitam a observação de alguns aspectos diferentes da língua em uso, evidenciando a falta de fronteiras precisas entre oralidade e escrita. Discutimos, ainda, a noção de gênero de acordo com a perspectiva bakhtiniana, também seguida por Marcuschi.

Como se trata de uma nova experiência de escrita que apresenta características híbridas, tanto da oralidade quanto da escrita, discutimos essa questão do ponto de vista do *continuum* tipológico, defendido por Biber e Marcuschi, em que a língua é considerada um fenômeno dinâmico, variado e heterogêneo, sem a rigidez dicotômica que separa as duas modalidades.

Partindo, então, da perspectiva não-dicotômica, procuramos discutir algumas das características que particularizam os gêneros textuais em análise, realizando, em alguns momentos, um estudo comparativo entre o gênero *chat* e os bilhetes.

· A análise dos dados revela que o tamanho dos turnos, as escolhas lexicais, a pontuação, o emprego de abreviaturas, além da utilização de marcas gráficas, como os *emoticons*, fazem com que os bilhetes analisados se assemelhem aos bate-papos virtuais.

Constatamos que esses dois gêneros são marcados por um alto grau de informalidade e interatividade e por uma escrita não-monitorada e não submetida a revisões ou correções, tendo em vista a fluidez do meio e a rapidez do tempo que é exigida tanto para quem usa o computador, quanto para os alunos que trocam os bilhetes entre si, em aula, na expectativa de se comunicarem sem serem percebidos pelos professores. Dessa forma, o bate-papo na Internet e os bilhetes analisados incorporam características da fala prototípica aliadas aos recursos expressivos da escrita.

• Os dados revelam que estamos diante de gêneros textuais que têm particularidades inusitadas, mesclando oral e escrito e, nesse processo, se constroem enquanto manifestação distinta tanto de uma modalidade quanto de outra. Tendo em vista o *continuum* tipológico de gêneros textuais, acreditamos que os diversos tipos de *chat*, assim como os bilhetes estudados, são textos híbridos que ocupam uma posição intermediária em relação à fala e à escrita.

• Quanto às considerações dos adolescentes do nosso estudo a respeito da linguagem utilizada nos bate-papos virtuais, constatamos, por meio do questionário respondido por eles, que todos demonstram grande facilidade ao lidar com o computador e com a Internet e encaram o seu uso como parte de sua rotina diária. Além disso, mencionam a praticidade da Internet e do computador, principalmente no que diz respeito a digitação. Acostumados com a Rede, onde tudo acontece rápido demais, não há tempo para acentuar as palavras e abreviações são necessárias. Por conta da rapidez, usa-se apenas a inicial de algumas palavras e a grafia de outras é alterada: “que” vira “q”, “aqui” se transforma em “aki”, “você” em “vc” ou “c”, além da total ausência de acentuação que faz com que “então” vire “entaum”. Percebemos que o que se tenta reproduzir são os sons da fala por meio dos sinais gráficos da escrita. Sobre esse tipo de linguagem, Urbano (2001: 49) aponta para o uso dos “sinais gráficos da escrita (...) com características lingüístico-discursivas básicas da língua falada (...) se trata de um uso híbrido da linguagem”.

• Acreditamos ser importante mencionar que alguns jovens admitiram que detestam escrever, mas gostam muito de teclar, salientando assim a idéia de que a linguagem usada

na Rede não é exatamente a mesma usada fora dela. Para eles, teclar é mais fácil e rápido. Ressaltamos ainda que associam o teclar com a possibilidade de estar em contato e de se comunicar com outras pessoas. Cremos que o prazer de teclar deve-se ao caráter síncrono da interatividade textual, o que faz com a linguagem se aproxime mais da modalidade falada. Soma-se a isso a possibilidade do anonimato, a liberdade de se estabelecer relacionamentos de qualquer espécie, a ausência de censura e a desobrigação de se submeter a regras.

• Considerando ainda mais uma questão inicial, aquela relativa à transferência do uso da linguagem empregada nos *chats* para outros contextos, verificamos que muitos alunos admitem que alguns usos lingüísticos estão se tornando hábitos e sendo transferidos para a linguagem em geral. Constatamos esse fato nos bilhetes analisados, cuja linguagem apresenta uma grande semelhança com a usada nos bate-papos virtuais.

• Entretanto, cremos ser desnecessária a preocupação com uma possível substituição da escrita tradicional pela escrita que caracteriza os *chats*. É fundamental ressaltar que a escola exerce um papel importante na orientação dos usos dos diferentes gêneros textuais. Assim como o giz e o apagador, o computador já faz parte da sala de aula em um processo que pode-se chamar de irreversível. Por isso, compreender mais profundamente as diferentes possibilidades de interação que o meio eletrônico oferece, é necessário para a adoção do computador no contexto pedagógico em geral e na sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Lília S. (2002). O *chat* educacional: o professor diante desse gênero emergente. In: DIONÍSIO, A. et. al. (org.). *Gêneros Textuais e Ensino*, Rio de Janeiro, Lucerna. pp. 87-94.

_____ (2003). *Chat na Web: um estudo de gênero hipertextual*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza, Universidade Federal do Ceará (UFC).

ARAÚJO, Júlio C. R. (2003). A conversa na web: o estudo da transmutação em um gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A e XAVIER, A.C. (orgs.). *Hipertexto e Gêneros Digitais*. Rio de Janeiro, Lucerna. pp. 91-109.

BAKHTIN, Mikhail. (1997 [1979 o original]). Os gêneros do discurso. In: _____ *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes. pp. 227-326.

BARROS, Diana L. P. (2000). Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, D. (org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo, Projeto NURC/SP – FFLCH/USP, p.57-77.

BARROS, Kazue S. M. (2001). Características organizacionais de aulas pela Internet. In: URBANO, H. (org.) *Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia, ensino*. São Paulo, Cortez, pp. 355-367.

BIBER, Douglas. (1988). *Variation across speech and writing*. Cambridge, Cambridge University Press.

BISOL, Leda. (org.). (1997). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre, EDIPUCRS.

BOLTER, JAY D. (1991) *Writing Space: The computer hypertext and history of writing*. Hillsdale, N.J. Lawrence Erlbaum.

BREASTED, James H. (1926). *The conquest of civilization*. London, Harper and Brothers.

CALLOU, Dinah e LEITE, Yone. (1990). *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

CÂMARA Jr., Joaquim M. (1979). A segunda articulação ou fonologia. In: *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis, Vozes. p.33-65.

CASTILHO, Ataliba T. de (1998). *A língua falada e o ensino de português*. São Paulo, Contexto.

CATACH, Nina. (org.) (1996). *Para uma teoria da língua escrita*. São Paulo, Ática.

CHAFE, Wallace. (1985). Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D. R.; TORRANE, N. & HYLDIARD, A. (eds.) *Literacy and language learning*. Cambridge, Cambridge University Press, p.105-123.

COUTINHO, Ismael L. (1958). *Pontos de gramática Histórica*. R. J., Livraria Acadêmica.

CRESCITELLI, Mercedes F. de C. (2003). *Considerações acerca de gêneros textuais utilizados para interação na educação a distância*. (Texto submetido à apreciação). São Paulo, PUC.

CRYSTAL, David. (2001). *Language and the Internet*. Cambridge, Cambridge University Press.

ERICKSON, Thomas. (1997). *Social Interaction on the Net: Virtual Community as participatory Genre*. Extraído de http://www.pliant.org/personal/Tom_Erickson/VC_as_Genre.html (acessado em 27/01/04).

ERICKSON, Thomas. (2000). *Making Sense of Computer-mediated Communication (CMC): Conversations as genres, CMC Systems as Genre Ecologies*. Extraído de http://www.pliant.org/personal/Tom_Erickson/genreEcologies.html. (acessado em 27/01/04).

FÁVERO, Leonor L. (1995). *Coesão e coerência textuais*. 3. ed. ver. E ampliada. São Paulo, Ática.

FÁVERO, Leonor L.; ANDRADE, Maria Lúcia et al. (1999). *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo, Cortez.

FIORIN, José Luiz. (2002) A linguagem em uso. In: FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à Lingüística (Objetos teóricos)*. São Paulo, Contexto, p. 165-186.

GALEMBECK, Paulo T. (1997) O turno conversacional. In: PRETI, D. (org.). *Análise de textos orais*. 3. ed. São Paulo, Humanitas.

GAZETA, Sonia, M. M. (2001). *A interação na Internet: a influência das novas tecnologias de comunicação na constituição de novos gêneros discursivos*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas.

GOODY, Jack. (1988). *Domestificação do pensamento selvagem*. Lisboa, Editorial Presença. (Original inglês: *Domestication of the savage mind*, de 1977)

GRAFF, Harvey J. (1995) *Os labirintos da alfabetização*. Porto Alegre, Artes Médicas.

- GUMPERZ, J. (1982). *Discourse Strategies*. Cambridge, Cambridge Univ. Press.
- HILGERT, José Gaston. (2000). A construção do texto “falado” por escrito: a conversação na Internet. IN: PRETI, D. (org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo, Projeto NURC/ SP – FFLCH/USP, p.17-55.
- HOUAISS, Antônio (1967). *Elementos de Bibliologia*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro.
- JONSSON, Ewa (1997). *Electronic Discourse. On Speech and Writing on the Internet*. Luleå University of Technology. Department of Communication and Languages. Extraído de: <<http://www.ludd.luth.se/users/jonsson/D-essay/ElectronicDiscourse.html> (acessado em 11/12/2003)
- KOCH, Ingedore et al. “Aspectos do Processamento do Fluxo de Informação no Discurso Oral Dialogado”. In: CASTILHO, A .T. (org.) (1990). *Gramática do Português Falado: A Ordem*, Vol. I, Campinas, Ed. UNICAMP/FAPESP, p. 145-184.
- KOCH, Ingedore G. V. et alii (1992). “Organização tópica da conversação”. In: Ilari, R. (org.) *Gramática do Português Falado: Níveis de Análise Linguística*, vol. II, Campinas, Editora da Unicamp, p. 357-439.
- LÉVY, Pierre. (2000). *Cibercultura*. Trad. De Carlos Irineu da Costa, Editora 34.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. (1986). *Análise da Conversação*. São Paulo, Ática.
- _____ (2001). *Da fala para a escrita*. São Paulo, Cortez.
- _____ (2002). Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. et al. (org.). *Gêneros Textuais e Ensino*, Rio de Janeiro, Lucerna. pp. 19-36

_____ (2004). Gêneros Textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A et al. *Hipertexto e Gêneros Digitais*. Rio de Janeiro, Lucerna. pp. 13-67.

MEURER, José L. (2002). Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L. et. al. *Gêneros Textuais e práticas discursivas*. São Paulo, EDUSC. pp. 17-30.

MARQUESI, Sueli C. (2001). Interação e subjetividade no ensino via Internet. In: URBANO, H. (org.) *Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia, ensino*. São Paulo, Cortez, pp. 369-376.

MURPHY, Karen et al. (1997). *Communication Conventions in Instructional Electronic Chats*. Illinois, The Annual Convention of American Educational Research Association.

NADER, Valéria H. (2001). *A interação virtual em diálogos da Internet: novas possibilidades para a análise do discurso*. Dissertação. (Mestrado em Linguística). São Paulo, Universidade de São Paulo (USP).

NEVES, Maria Helena de Moura. (1994) Uma visão geral da Gramática Funcional. Em: *Alfa*, 38, (p. 109-127)

NOBLIA, Maria V. *The computer-mediated communication, a new way of understanding the language*. (International Conference: 25-27 March 1998, Bristol, UK). Extraído de: <<http://www.sosig.ac.uk/iriss/papers/paper22.htm>. (acessado em 28/09/2004).

OCHS, Elionor. (1979) Planned and unplanned discourse. In: GIVÓN, Talmy (ed.). (1979) *Discourse and Syntax. (Syntax and Semantics. Vol. XII)*. New York, Academic Press, pp 51-80.

OLSON, David R. (1997) *O mundo no papel. As implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita*. São Paulo, Ática.

ONG, Walter. (1998) *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. São Paulo, Papirus Editora.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes (org.) (2001) *Interação e Aprendizagem em Ambiente Virtual*. Belo Horizonte, FALE-UFMG.

PEREIRA, Janeci R. R. C. (2004). *A relação fala/escrita no gênero bate-papo na Internet*. Dissertação (Mestrado em Linguística). São Paulo, UNESP.

PINHEIRO, Najara F. (2002). A noção de gênero para análise de textos midiáticos. In: MEURER, J. L. e MOTTA-ROTH, D. (orgs.). *Gêneros Textuais e práticas discursivas*. São Paulo, EDUSC. pp. 259-290.

POWERS, James. (1997). *IRC & Online Chat*. USA, Abacus.

RINTEL, Sean. & PITTAM, Jeffery. (1997). "Strangers in a strange land: Interaction management on Internet relay chat". In: *Human communication research*, 23: 4, 507-534.

RIZZO, Sérgio. (2001). Mal traçadas linhas. In: *Educação* 240. pp. 41-50.

ROCCO, Maria Tereza F. (1999). Entre a oralidade e a escrita: reflexões esparsas. In: DIETZSCH, M. J. M. (org.). *Espaços da linguagem na educação*. São Paulo, Humanitas – FFLCH/USP, pp. 63-84.

RODRIGUES, Ângela C. S. (1993). Língua Falada e Língua Escrita. In: PRETTI, D. (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP. pp. 13-32.

SAMPSON, Geoffrey (1996). *Sistemas de Escrita*. São Paulo, Ática.

SPINA, Segismundo (1977). *Introdução à Edótica*. São Paulo, Cultrix.

SWALES, John M. (1990). *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge, Cambridge University Press.

TANNEN, Deborah. *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. Norwood, N.J. Ablex, 1982.

URBANO, Hudinilson. (2000). *Oralidade na literatura (o caso Rubem Fonseca)*. São Paulo, Cortez.

URBANO, Hudinilson. (2002). Uso e abuso da linguagem da Internet. In: *Informe Edição especial 1999-2001*. São Paulo, SDI/FFLCH/USP.

VAN DIJK, T. (1992). *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto.

WALLACE, Patrícia. (2001). *The psychology of the Internet*. Cambridge, Cambridge University Press.

ZAREMBA, Raphael; ROMÃO-DIAS, Daniela et al. (2002). Simples como uma torradeira: um estudo sobre o computador no cotidiano da nova geração. In: *Psicologia Ciência e Profissão*, no. 1. pp. 92-99.

ANEXO

B1.

(1) ENTAUM AMI...

(2) *fala ami...*

(3) ND... EU TÔ ATÉ CUM MEDO DE VIAJAR!

(4) *por que? medo de deixar alguém sozinho?*

(5) AH! SEI LÁ... É ESQUISITO! AXO QUE SEMPRE QNDO EU IA EU Ñ DEIXAVA

(6) NINGUEM... Ñ POR DEIXAR... SÓ PQ EXISTE ALGUEM ENTENDE?

(6) *há há... eu sei como é q é! É tah c/ medo de perder mi... q**bunitinho...*

(7) AH! Ñ TÔ CUM MEDO! EU Ñ SEI O Q É... SEI LÁ Ñ É SÓ POR ISSO! É ALGUMA

(8) COISA Q EU Ñ SEI O Q É!

(8) *vc tá insegura... vc tá c/ mal pressentimento!*

(9) É ISSO MESMO! EU Ñ GOSTO DE TER ISSO :-)

(10) *eu tbm ñ principalmente pq quando eu tenho mal presentimento alguma coisa sai errado!*

(11) EU TBM... PUTZ! AI AMI... 100 ZUERA EU Ñ QUERO IR! PÔ EU FAÇO NIVER

(12) DAQUI 8 DIAS :-(-/

(12) *calma iza! Ñ se preocupa ñ vai acontecer nada isso é uma defesa psicológica, todo mundo fica assim qnd tá chegando o aniversário!*

(13) HÁ, HÁ... AÍ EU NÃO QUERO IR + BLZ... EU TÔ PURI STRESS AMI... AI QUE

(14) INFERNO! :-0

(14) *1, 2, 3... respira ami, aproveita q vc vai e se divirta, só vc vai sair perdendo se ñ se divertir...*

(15) EU NUNCA ME DIVIRTO LAH! EU NAUM GOSTO DE SAIR LAH... EU FINJO BEM

(16) PRA CARAMBA... EU...

- (16) *então sai, se distrai, aproveita q' tá ch' sossegado e aproveita p' pensar em tudo o q' tá acontecendo.*
- (17) AH! O PROBLEMA É SAIR C/ QUEM A NATHALIA É CHATO SAIR COM ELA E O
- (18) NAMO... E A CASSIA... ELAS TE TIRAM DA RODA... Ñ TE ENTURMAM, SAEM
- (19) C/ ROUPAS CHIQUES EU Ñ GOSTO DISSO :-/
- (18) *eu vou com vc amiga hahaha...*
- (19) VAMU!
- (20) *fala sério... tio mano me leva e ñ traz de volta hahaha*
- (21) HAHHA... PÚ FAVÔ NEH! TIO MANO TA PURO STRESS! :-O
- (22) *por isso mesmu... vou e fico assim ele vai Ter PAZ!*
- (23) AH! VAI VIU? EU !N VÔ DÁ PAZ!
- (24) *lo até c/ medo de vc Iza!*
- (25) XI C VAI VÊ! + SEGUNDA EU TÔ DE VOLTA SE DEUS QUIZÉ!! :-)
- (26) *vai lá sim Iza, ñ se preocupa!*
- (27) AI AI... TCHAU... EU VÔ NA SUA HOME AS 4:30 +- TÁ BOM?

B2

- (1) QUE QUE TÁ PEGANDO???
- (2) *curiô ein colega...*
- (3) FALA, FALA...
- (4) *a mãe do carioca pediu p' mim combina com o pessoal da sala para fazer uma festa surpresa p' carioca...*
- (5) AFE!!!! QUE CREDO!!!!!!!!!! QND???
- (6) *amanhã niver dele...*
- (7) AFE Q CREDO! PERTO DO MEU!!!!!!!!!!!!!!

- (8) *pois é vc vê... ambos os 2... e vai se no cyber q é perto de casa...*
- (9) NO CYBER DA MÃE DELE???
- (10) *é vai ser lá...*
- (11) LÁ, LÁ, RI... 100 ASSUNTO ONDE É SEU DENTISTA?
- (12) *perto de casa eu num queru i :'-(, tenho medo eu choro*
- (13) HAHHA Q PÉSSIMO FAZÊ O Q AMI???
- (14) *é vo arranca outro dente né e tirar os pontos... ai que MEDO*
- (15) MEDO??? C VAI TOMA ANESTESIA!
- (16) *mais mesmo assim é ruim, imagina alguém torcendo seu dente depois puxando... arrancando é horrível*
- (17) EU JÁ SEI COMO É!
- (18) *NUM É RUIM!!!!*
- (19) É + FAZÊ O QUE? Ñ ESKECE DE SEPARAR AS FOTOS??
- (20) *blz...ñ vô esquece...*
- (21) C AMANHÃ VC CHEGA AQUI 100!!! POSSO ARRANCAR SEUS CANINOS???
- (22) *PODE*
- (23) óóóó!...
- (24) *pq a nathaly foi embora?*
- (25) PRA ENTREVISTA... É 12:00
- (26) *a é mesmu eu esqueci...*
- (27) ESTAMOS 100 ASSUNTO...

B3.

- (1) ÍÍÍÚÚPI! UEBA!
- (2) *papel papel : -)*
- (3) ÍÍÍHH, ENTAUM... SERÁ Q ELES VAUM BJA ALGUEM ESSE FDS? :-)
- (4) *acho meio dificil e vc?*
- (5) Ñ SEI! VAI Q APARECE IMA BUNITINHA :-)
- (6) *naum Iza ñ vamu pensa assim... a gente joga macumba e faz amarração do amor hahaha*
- (7) HAHA! CREDO ! :-/
ELE Ñ TERIA CORAGEM! :-/
A GENTE É TÃO LINDA, BJA TÃO BEM, TODA TCHUTCHUCA!
- (8) *entaum amiga, vamu confia no nosso taco...*
- (9) AH! A GENTE FAZ UM CHARME!
- (10) *com certeza eles ñ resistirão... uhahaha*
- (11) UHAHAHA! AI Q BABACA! :-/
- (12) *babaca não...*
- (13) ORIGINAL! Q +?
- (14) *o que será hein miga?*
- (15) O Q?
- (16) *q de vão aprontar?*
- (17) SERÁ UM JANTA ULTRA ROMÂNTICO A LUZ DE VELA?
- (18) *Ú! HOPF IMAGINAÇÃO A SUA HEIN?*
- (19) EU TAVA FALANDO SOBRE ISSO C/ O K ONTEM!
- (20) *SOBRE O 2?*
- (21) UM JANTAR ROMANTICO!
- (22) *o Bi ñ seria capaz!*

- (23) OLHA... SEMPRE VEM ALGUÉM A GENTE NUNCA ESPERA!
- (24) *NUPP! :-)*
- (25) UM JANTAR A 4? AI MEU DEUS NUM VAI PRESTA...
- (26) *HUM! Onde?*
- (27) NO HABIB[S HAHHAHA...
- (28) *HAHA pü favor neh?*
- (29) HUM... TÁ NUM RESTAURANTE NA PAULISTA! HUMMM
- (30) *podia ser a 6 + a Krol ñ colabora! Pode ir eu, vc, k, bi, kl, ron, nat, beca...*
- (31) C FAZ UMA CARA DE SECADOR!
- (32) *já virou piquenique!*
- (33) HAHA... VAMU TODU MUNDO COMÊ NO MEC
- (34) *chuto o pau da barraca hein! Vamuu acampa...*
- (35) VAMU!
- (36) *num vai presta!*
- (37) Q MALA!
- (38) *eu?*
- (39) É TODO MUNDO!
- (40) *um bando de mala juntas! Aeroporto!*
- (40) AFF É ISSU! VAMU NO AEROPORTO AÍ A GENTE TIRA FOTO E FALA P/ TODO
- (41) MUNDO QUE FOI VIAJÁ!
- (42) *ai q lindu miga a gente fala q tava na Grecia (é romantico)*
- (43) É SUPERR LEGAL

B4.

- (1) *você trouxe o disquete p/ fazer o trabalho?*

- (2) TROUXE... PQ?
- (3) SÓ PRA SABER! TEM BASTANTE COISA, O Q VC AXOU?
- (4) EU Ñ SEI... ESSE ANIMAL Ñ ATENDIA O TEL EU Ñ SEI O QUE É PRA FAZÊ TEM
- (5) MTA COISA GRAVADA MAIS EU QUERIA IR P/ MINHA CASA
- (5) *eu tbm onde vc treina Segunda?*
- (6) NA MUSCULAÇÃO SOH!
- (7) *em Atino?*
- (8) EH!
- (9) *entãum a gente podia ir 2°! Já que o animal nem avisou a tia, nem minha mãe, nem a sua...*
- (10) TAH TUDO ÓTIMO ASSIM! ASSIM EU DURMO
- (11) *que absurdo!*
- (12) AI EU DOU O DISQUETE P/ O FP E AI ELE VÊ
- (13) *é... tem que ver se o FP não vai xia, eu tbm não sei o q é p/ fazer no trabalho!*
- (14) E AÍ? E SE Ñ DER TEMPO.....
- (15) *vai dar tempo!*

B5.

- (1) *oi garota stress!*
- (2) *ARRÃ! :-/*
- (3) *q c tem estressada?*
- (4) AH... VARIAS COISAS... TÔ MESMO...
- (5) *q foi ami? 2 aconteceu? Conte-me seus [problemas]*
- (6) AH SEI LAH UM MONTE DE COISA.... INDA P/ PIORA TÔ I-FANHA,

2- ESPIRRANDO, 3- NARIZ ESCORRENDO, 4- MAL EM MAT, 5- PROVA,
6- TRABALHO, 7- AS PESSOAS Q ME IRRITAM!

- (7) *me explica melhor o item 2 e 7*
- (8) 2??? ESPIRRANDO... AAATCHIM! 7- AH... VARIAS PESSOAS TBM!
- (9) *varias pessoas quem? O q o k falou ou fez?*
- (10) Ñ SÃO DAQUI! AH MEU... SÓ ELA TEM RAZÃO, EU SEMPRE TÔ ERRADA,E
EU TÔ ESTRESSADA SABE??? AH PÁRA! :-)
- (11) *ai Iza ñ liga! Daqui a pouco tudo passa!*
- (12) É ISSO Q ME IRRITA FAZ AS COISAS E DPOIS TA TUDO BEM O Q ME IRRITA MMTÔ
É ESSE NEGÓCIO DELA IR LA ATRAS E VOLTAR ASSIM...
- (13) *a Iza sabe eu não ligo + faço q presto atenção e... vai levando*
- (13) AH TÁ... A BIA É OUTRA... CANSEI MEU Ñ VÔ CORRÊ ATRÁS! AH CHEGA STRES
SA MSM Ñ TO NEM AÍ!

B6.

- (1) BUUUÁÁÁ :-)(NINGUÉM QUÉ BRINCÁ CUMIGU! :-)(
- (2) *ñ é verdade eu sempre quero brincá com vc... mudando de assunto e
renato lá ½ viado com essa roupa?*
- (3) ELE TÁ ½ ??? ELE TÁ INTEIRO... BUÁ...
- (4) *para de chora eu te amo!*
- (5) BU...TÁ...Á...BOM...EU... JÁ... IN... TÊN... DI... ! BUÁÁ! :-)(
- (6) *ENGOLE ESSE CHORO! AGORA!*
- (7) TÁ BOM... SNIF! :-)(
- (8) *vamu fala sobre o q agora?*
- (9) HUM... OK... HEI HEI... (Í... RIMÔ)!
- (10) *fala oq sobre o K.... haha...*

- (11) Ñ SEI... HEI HEI
- (12) *aff chega de K! vamu fala de outra coisa!*
- (13) TÁ... HAHA... D Q HEHE??
- (14) *sei lá... haha... ñ esqueça de rimá lá lá!*
- (15) NO NO ME DEJES AQUI POR FAVOR, AQUI HACE TANTO CALOR!
- (16) *ai ai... isso já é d +! Vamus parar*

B7.

- (1) *fala ami, o q ouve? O q ele te tectou?*
- (2) AI, AI... Ñ SEI FALAR, C TEM Q LER! E A PÁG... É LINDA ELE COLOCO NO AR PREU VE! C TEM Q VE... EU TE MANDO E.MAIL!
- (3) *mas + eu Ñ o q tem?*
- (4) AH! Q ELE Ñ AGUENTA FICAR LONGE, Q EU ME TORNEI ESSENCIAL NA VIDA DELE QUE ELE GOSTA MTO DE MIM E QUE EU SO A COISA + IMPORTANTE PRELE... DEVIA ESTAR INSPIRADO! :-)
- (5) *nossa mi, q lindu! O Ca foi lá em casa ontem!*
- (6) HUMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMM! QUI LIGUILI (LATIM = QUE LEGAL) HAHA... E AÍ? O Q ROLOU?
- (7) *terminamos tudo!*
- (8) Ã????????? :-/ PELO AMOR DE DEUS AMI! O QUE???????
- (9) *brincadeirinha : -D tá tudo ÓTIMO! P vc ter noção o Le ligou lá em casa, pq o pai dele queria falar c/ de! c acha?*
- (10) PQ??? TONTA!

- (11) *A gente começou a se despedir era 9:00 e saiu de lá as 10:00 sem condução... ai o Le me ligou depois de 3 min falando q tava c/ saudade e q tinha chegado! Ai ai*
- (12) PELO AMORE! A FLAVIA TÁ SOLTANDO FOGO! QUEM É ESSA PUTZ?? HAHA...
EU HEIN?
- (13) *lá nada ele comentou da Cris, disse que ia ficar me olhando com cara feia*
- (14) É VERDADE AMI! ACREDITE ! ELA MORRE DE CIUME DELES + ELE Ñ GOSTA MTO DO JEITO DELA Ñ! I DAÍ NEH? O Q INTERESSA É QE QM BJA ELE É VC! ÍÍÍÍHHH...
OUTRO ASSUNTO
- (15) *o q miga?*
- (16) SAI LÁ UÉ!
- (17) *da minha entrevista*
- (18) É... E AÍ?
- (19) *vou amanhã meio dia!*
- (20) ONDE É?
- (21) *sabe o hospital renascença? Então é ali do lado!*
- (22) BLZ! QUE BOM NEH? AÍ C Ñ VAI C MAIS VAGAL!
- (23) *não! Espero q d certo!*
- (24) IUPI... E VAI TÊ DINHEIRO PRA GENTE GASTÁ! ÍÍÍHHH
- (25) *ñ mto neh! R\$225,00 + p quem nunca fez nd!*
- (26) + TÁ TUDO CERTO 150 É MEU PELO MEU HOPI APOIO! :-)

B8.

- (1) AMI... como faz p/ ir na Karlla?
- (2) vixi, vai de ônibus? Vc pega o jaguaribe vixi pergunta p/ Karen o nome da avenida principal de lah. Vc vai tah no ônibus e o ônibus na avenida principal de lah, daí qdo vc ver do lado esquerdo uns prédios, tem q parar e entrar na kela rua e ir até o quase fim naum sei explicar direito pq ã lembro... tenho q pegar o ônibus e ver direito... o ideal seria perguntar p/ Isabella
- (3) ai ai eu e a Carol tamu ferrada!
- (4) *pois é tamu mesmu, mas pq a gente naum se encontra c/ vcs no shoppi?*
- (5) é neh?
- (6) **ficar até as 6 no shop? Vixi... e qm monta as coisas na casa dela?**
- (7) A Isabella! Eu já falei pega a "seção" das 4 ué! pera q eu vô perguntá p/ meu pai!
- (8) **perguntar o q? tah, a gente dah as coisas p/ Isa**
- (9) É ué! C ele me leva aí eu vo arrumandu tudu c/ a Krot!
- (10) **olhe soh, isso ae. Daí vc dah 1 toke qdo tiver td +/-**
- (11) *ISSO... vamos nos encontrar no shopp... hahaha :-)*
- (12) c ã entendeu MUMINHA? A gente vai direto? Vamu falá q ã vamu nu shop! + Cmo vc sabe? Meu pai levandu é + fácil! □ problema é vim embora!

B9.

- (1) **COMO A GENTE VAI FAZÊ? DIA 4?**

- (2) *eu ão tenho a minima idéia... ela vai desconfiar se a gente ão for...*
- (3) Hum, vai nada. Ela  cabeçuda. Eu ainda acho melhor do jeito q falei tal da Nathy ir c/ ela tal sei l enquanto o Dan e eu vamos p/ casa dela
- (4) *até parece  + facil vc e o dan c/ ela*
- (5) ELA VAI DESCONFIAR... VAI NO CINEMA... COME... TOMA SORVETE... E DEPOIS VOLTA.
- (6) Vixi... mas eu já falei q acho q naum vai dar p/ ela
- (7) *por isso agora vai dah, eu falo q vo e ligo no seu cel qnd vcs já tiverem no shop e falo q ão vou +*
- (8) EU TBM! HEHE :-) DEPOIS A GENTE VAI NA FESTA :-) IIIHH...
- (9) vcs vo lah antes? Como vai ser?
- (10) *pode ser a Isa falo q tem jogo em SBC e eu ão vou pq sei lah...*
- (11) ã... SBC ã... EM... AMERICANA!... HEHE...A QND ACAB O TREINO EU V!
- (12) Mas qm vai antes? Eita... E o Beca? Qm vai leva ele lah? Por isso tbm eu ia antes. Mas como o Danilo e eu vamos depois p/ casa dela co/ ela? Acho melhor do outro jeito
- (13) *eu ão tenho R\$ p/ passsar no shop e o q já sei*
- (14) A NATHY VAI TAH LAH... ELE CHGA E CANTA UM REGGAE ATÉ VC CHEGAR
- (15) Ai ão faça isso c/ a coitadinha! Vixi temos que arrumar isso direito... ou então vai o Danillo, a Nathy e o Beca sei lah p/ casa da Ka antes e fica ela e eu... eh + mais fácil p/ enrolar
- (16) * falo c/ a Isa da Karlla hj!*
- (17) SEI LAH! CS Q SABEM!...
- (18) eu falar? Ah naum fala vc agora. Ano passado fui eu jah! Tenho vergonha
- (19) *eu vou ver se falo com ela.*

B10.

- (1) AI AMI... Ñ TEM PROBLEMA Q ELAS TE EXCLUIRAM... EU FALO C/ VC! :-)
- (2) *ah, valeu. E ae, como tah se sentindo com 16 anos? Hehe*
- (3) AH... ENTAUM... Q NEM C/ 15... NORMAL
- (4) *eh, eu sei... hum seu [hom] jah te ligou foi? Hehe q lindo! hehehe*
- (5) EH... ELE LIGO... NA VERDADE EU Ñ OUVI NDA DO QUE ELE FALO... ELE FALA MTO BAIXO E DAÍ EU SOH FUI FALANDO BRIGADO E TAH BOM... HEHE...
E SE ELE FALO: -QUERO TERMINÁ TUDO... (BRIGASO) EU Ñ QUERO + VC (TAH BOM)
TÔ FERRADA... :-/
- (6) *ah tah, claro q de falou isso, hehe... vai Ter festinha, iupi! Viva!
Viva! Im vai na sua festa q eu conheça? Poh a gente? :-D*
- (7) EH... OS MEUS PRIMOS... E MEUS TIOS... ESSES CS Ñ CONHECEM... A LAURA E SOH!:-)
- (8) *hehe, legal! Vamos cantar [Parabéns] vc vai Ter sua seção mico,
hauhauhau c/ qm será q a Iza vai casar?...*
- (9) AH Ñ NATHY... EU Ñ QUERO "PARABÉNS". .. :-(
- (10) *ah, onde jah se viu um niver sem [Parabéns]? Tah prestando atenção
nessa matéria legal?*
- (11) AH... NUNCA JÁ SEI VIU... VAMOS SER ORIGINAIS... O 1º NIVER 100
PARABÉNS...! :-) TÔ ... MÓ LEGAL! :-/ HUNF!...
- (12) *Naum vc tem q pagar micão, na nossa frente! Vou até tirar foto,
hehehe Super show*
- (13) AH Ñ AMI... C FALO C/ O BECKER??? E A KARLLA C/ O ROSS?????
- (14) *Sim, eles vão lah encher o saco!*
- (15) AI CARAMBA... :-/ QUE SACO! :-(EU VO CHEGA EM CASA UMAS 6:30 POR AÍ...
CS VAUM FICA DIRETO???? :-? HEIN?

- (16) *Naum, vou me trocar na casa da Ka... depois eu volto*
- (17) CS VAUM LAH DEPOIS VAUM P/ CASA DPOIS VAUM PRA LÁ???
- (18) *Aff, vamo p/ sua casa arrumar, depois p/ ka e depois p/ sua de novo, foi isso q vc quis dizer?*
- (19) EH... HAHahaha... FOI 1/2 REDUDANTE + O Q IMPORTA É Q VC ENTENDEU! :-/ ENTAUM TAH...
- (20) *antes q eu me esqueça: PARABÉNS!*
- (21) BRIGADUUU! AI AI... 16 ANOS... Q HONRA... JÁ POSSO ATÉ VOTAR IUPI :-/ E DAÍ NEH???
- (22) *eh neh... voitar soh se for no Yamato!*
- (23) AFE... EU Ñ...
- (24) *tchau... vô fazê prova... bjus até + ...*
- (25) BOA SORTE. BJUS

B11.

- (1) *to de saco cheio desses meninos IDIOTAS!*
- (2) E EU ENTÃO?? PELO AMOR... ELES SÃO MTO CHATOS!
- (3) *aff 1 q ser melhor q o outro!*
- (4) É MSM... MELHOR?... ELES NÃO SÃO NDA... PELO AMOR... E SE AXAM PQ SABEM FALAR! :-/
- (5) *aff esse douglas é um cretino!*
- (6) MEU... FICA CALMA, Q VC TEM ONTEM E HJ???
- (7) *ai to de saco cheio! Não aguento + estudar!*
- (8) + Ñ EH POR ISSO NEH?
- (9) *ai to estressada! Qualquer coisa me irrita!*
- (10) TPM???

- (11) *ñ são poucas coisas que juntam e depois explode*
- (12) É MESMO... É CHATO ISSO... BONITA SUA BLUSA :-)
- (13) *brigadu! Outra coisa eu sempre posso ouvir e fazer tudo por 1000 mundo + qnd sou eu o povo ñ tá nem aí... me irrita!*
- (14) PQ TA FALANDO ISSO AMI???
- (15) *por nada só por falar! É sempre assim... parece q ninguém se preocupa... como se ñ fizesse questão nenhuma!*
- (16) PQ, PQ... É COMIGO? NINGUEM FALA ISSO POR NADA...
- (17) *não, não é c/ vc não Iza! Tô falando por falar, e vai ver soh vou muda!*
- (18) + É QM ENTÃO???
- (19) *ninguém! A partir de agora soh vou me preocupar c/ qm se preocupa comigo!*
- (20) AH Ñ... C TA ME IRRITANDO... O QUE FOI SACO? :-/ HUNF!
- (21) *ñ foi nd Iza!*
- (22) NATHALI, CALMA AI... C FICO STRESSADA C/ NEGÓCIO LÁ DO LD Q SUA IRMÃ FALO???
- (23) *ñ nd ver! Sabe sempre tá resolvendo tudo p/ todo mundo perguntando como todo mundo tá... e eu????? Alguem pergunta como to???????*
NÃO!!!!!!!!
- (24) EU PERGUNTO NATHALI! :-/ HUNF!
- (25) *pergunta o q?*
- (26) C VC TÁ BEM... C VC TÁ BEM NO AMOR.. DE VC E DO K... EU SEMPRE PERGUNTO NATHALI!
- (27) *eu sei Iza! Por isso só vou me preocupar c/ qm se preocupa comigo!*

- (28) AH TÁ... EU HEIN!...
- (29) *vc o q Iza?*
- (30) NDA... C TÁ MEIO DE COSTAS P/ O MUNDO...

B12.

- (1) HUM... LIÇÃO DE GEOMETRIA! UEBA!!!:-)
- (2) *tão gostoso qnt espetinho de fígado! Hiiit...*
- (3) AH... Ñ FALA ISSU Ñ... EU GOSTO DO TAL DO FÍGADO! :-)
- (4) *fala sério Izabela!*
- (5) SÉIO!
- (6) *ai q nojo Iza!*
- (7) NOJO? AH PÚ FAVORR NATHALI!
- (8) *ai duvido q seja tão bom assim!*
- (9) C JÁ EXPERIMENTOU????? :-) HUNF
- (10) *já e é HORRIVEL, tem gosto de sangue*
- (11) EU NUNCA TOMEI SANGUE!
- (12) *naum!? Nunca lambui ferida?...hahaha*
- (13) QUE NOJO! ISSO SIM É NOJENTO! CREDO PREFIRO FÍGADO
- (14) *esse papo tá muito nojento... vamu para!*
- (15) E O FDS?
- (16) *sei lá a cinthia quer ir p/ praia + não tem com qm e sei lá...*
- (17) AH! AI AI... EU Ñ QUERO IR PRA CANDO...
- (18) *pq ñ Iza? E sua mãe deixar vc pode ficar em casa*
- (19) Ñ... ELES NUNCA IAM DEIXAR!.... EU PRECISO TER JOGO NO SÁBADO... SACO!

(20) *q chato... depois nós conversa... tenho q prestar atenção*

B13.

(1) *e ai? fala*

(2) **fizemos 3 acordos: 1° ã falar o nome da karlla e nem do Renato... 2° ã falar c/ qntas pessoas cada um ficou e o 3° ainda está em andamento... ele acha q eu ã confio nele...mas ce sabe neh? De pois de tudo o q eu soube... dá medo!!! vai q ã é verdadeiro o q ele sente por mim**

(3) *eu acho q é sim Bia... ele já falou p/. mim, p/. karen e até p/. iza... disse q ele gosta de vc... mas acho q confiança é uma coisa adquirida aou poucos... ã vai surgir assim de uma hora p/ outra.*

(4) **concerteza! Ele exige muita confiança de mim pq ele confia em mim... mas é pq eu ã dou motivo... já ele... fica cheio de menina paparicando ele... mas eu sou calma além de ciumenta... mudando de assunto... como vamos fazer os pares da quadrilha do pijama? Tenho quase erteza q o Lucas ã vai dan,ar... já escolhi meu par... e o seu qual eh? Renan?**

(5) *boba... ã sei axo q cada 1 escolhe o seu par em todo caso se o Lucas ã dançar vc dança com eu!*

(6) **entaum, eu já escolhi meu par... é o andré... nós tava conversando dissu la fora... eu pedi p/ ele avisar o pessual da sala dele... como eu axo q o Bonitão ã vai dançar, chamei o andré p dançar cumigu... vc acha q o Bonitão vai achar ruim?**

(7) *sinceramente... achi que vai! Ele morre de ciumes do André... ã morre? Pois é... vai ser difícil*

- (8) axo q fiz besteira... ã fiz? O q faço agora?
- (9) *fala pro andré q vc vai dançar comigo pq... pq... eu to sozinha e vc já tinha combinado... já q o renan ã vai dançar com eu!*
- (10) e se o renan dançar c/ vc? Onde fica eu?
- (11) *ã vai dançar!*

B14.

- (1) *e ai como vc tá?*
- (2) **em relação a q? ou a qm?**
- (3) *a tudo! Ao coração... a vida...*
- (4) **ao coração_ to mto chateada_ mto ã_ hiper super mega chateada c/ o Lucas_ briguei ontem c/ ele_ disse q achei ridiculo da parte dele pedir um tempo por e-mail_ ele estava me tratando mto mal_ ele falou um negócio da Bia_ daí ã aguentei falei p/ ele ficar c/ ela msm_ pq cansei disso_ e falei tbm q se ele quiser falo isso pessoalmente!**
- (5) *fora isso tah tudo bem?*
- (6) **a partir de hoje estou fechada p/ balanço!**
- (7) *ã fica assim ã! Essas coisas acontecem... agora ã acho q vc tem que fechar p/ balanço... procura alguém...*
- (8) **vou ficar na minha se aparecer bzl!**
- (9) *lhm acho, alias procura o Manu, Rafa, hahaha... zueira*
- (10) **C TAH MALUCA! NEM SONHA!**
- (11) *sei sim viu? Vc é zonada por ele vai, confessa*

- (12) **HAHAHAHAHA! Nathali vou ficar muuunito chateada c/ vc... se continuar assim nem vou almoçar na sua casa Quinta (hehehe eh zueira... msm se a gente brigar eu vou comer na sua casa)**
- (13) *mas é lógico... vc ã ia passa fome! Bem q eu já desconfiava q vc soh queria comer em casa msm...!*
- (14) **Amizade serve p/ qe? P/ alimentar literalmente nosso interior**
- (15) *eu sempre soube dos seus interesses msmu!*
- (16) **VC SABE QM EH O GABRIEL DO T A?**
- (17) *Acho q naum pq?*
- (18) **NADA NãOI**
- (19) *oh sabe qm pergunto de vc?*
- (20) **NINGUÉM_**
- (21) *sua Boba! Ai ai...*
- (22) **KABÔ ASSUNTO! PROPAGANDA: KARLLAA.Weblogger.com.br
MTO TROXA! TO BRAVA!**

Questionário elaborado para pesquisa sobre “linguagem da Internet”

Idade: _____ Sexo: _____ Série: _____ e-mail _____

1. Possui computador em casa?
2. Se não possui, tem acesso a ele em algum outro lugar?
3. Considera o computador como parte integrante de seu cotidiano?
4. Com quais finalidades utiliza o computador?
5. Com que frequência utiliza o computador? Se entra nas “salas de bate papo” (*chat*) ou ICQ, quantas horas / minutos costuma permanecer por lá?
6. Você vê alguma diferença entre escrever a mão, teclar, digitar e falar? Qual?
7. O que você prefere: escrever a mão ou teclar? Por quê?
8. Você costuma escrever cartas e enviá-las por correio? Com que frequência?
9. A linguagem usada nas “salas de bate papo” ou ICQ é empregada por você em alguma outra circunstância?
10. Ela influencia-o no momento em que está escrevendo a mão uma redação?